

Suplemento

cei

2





CEI SUPLEMENTO N.º 2

DEZEMBRO — 1972

Publicação de **Tempo e Presença**
Editora Ltda.

Registrado de acordo com a
Lei de Imprensa

DIRETOR-RESPONSÁVEL:
Domicio Pereira de Mattos

REDATOR:

Carlos A. C. da Cunha

CORPO REDATORIAL:

Rubem A. Alves

Ana Vitória de Toledo Barros

Breno Schumann

Hugo Paiva

Jether Pereira Ramalho

DIAGRAMADOR:

Hamilton Francischetti

IMPRESSÃO:

Princeps Gráfica e Editora Ltda.
Rua Teodoro da Silva, 574

Distribuído aos assinantes
do **CEI**

Assinatura anual: Cr\$ 25,00

Cheque pagável no Rio de Janeiro em nome de:

Tempo e Presença Editora Ltda.
Caixa Postal, 16.082 — ZC-01
20.000 RIO DE JANEIRO, GB

Preço do exemplar avulso:
Cr\$ 3,00

ÍNDICE

EDITORIAL	1
ESTUDOS	
Igreja Institucional:	
Função Negativa	
— Paulo César L. Botas	2
Missão da Igreja Hoje	
— Claude E. Labrunie ..	7
O que é Igreja Hoje?	
— José Sotero Caio	15
DOCUMENTO	
Católicos Pentecostais	
nos Estados Unidos	
— Antônio Abreu	26
INDICAÇÕES	
34	

A Igreja é o tema-centro dessa reflexão número dois, a que chamamos ainda Suplemento.

A parábola:

Um homem descia no elevador de serviço (edifício de luxo) do décimo andar para o térreo. A altura do sétimo, ainda só, foi atacado por um desconhecido que lhe levou relógio, uns trocados, a camisa, as calças e o deixou desacordado, machucado e quase nu. Como o elevador social estivesse ainda no vigésimo andar, à altura do sexto, atrassada para a missa, uma elegante senhora abriu a porta. Vendo o "espetáculo", deu um gritinho "minha nossa senhora!" e deixou o elevador seguir enquanto iniciava uma reza pelo coitado que tanto a assustara. Por motivos de pressa também, no quinto, um jovem que àquela hora ia ao Seminário estudar Ética e Teologia Cristã, quando viu o tipo atravessando sua seminudez desfalecida, também exclamou "meu deus!" deixou fechar-se a porta e ficou muitíssimo preocupado e aflito, sem saber se ia pela escada ou esperava mesmo o outro elevador. No terceiro andar o porteiro que tinha ido levar uma encomenda à madame do 301, vendo a vítima, naturalmente côncio de sua posição e função de oficial-da-boa-ordem-e-do-bem-estar, deu uns tapinhas no pobre coitado e, não conseguindo fazê-lo reanimar-se, ao abrir-se a porta no térreo, o agarrou e o levou para um canto do "hall" sumptuoso. Pessoas (umas nove) que aguardavam para subir, se acercaram, espectadoras, da vítima. Ouviam-se expressões "Está bêbedo!" "É um tarado!" "Um maníaco sexual!" "Não, foi assaltado, pega o ladrão!" Enquanto isso o oficial-da-boa-ordem providenciava um táxi, depois de

arranjar umas roupas. Pediu a ajuda dos que estavam em redor, botou uns quatro ou cinco pra trabalhar, afastou os curiosos, tranqüilizou o chofer do táxi preocupado com quem ia pagar a corrida. Solucionou o caso.

A eterna parábola. Eu quis contá-la assim. Milhares de pessoas saberão contá-la melhor, doutra forma.

Neste número, dois teólogos, um católico romano (Sotero, Faculdade de Teologia Santa Úrsula, Rio, GB), outro protestante (Labrunie, Centro de Estudos Teológicos da Vitória, ES) estão reexaminando a original de Lucas, e extraíndo-lhe luzes novas, surpreendentes.

Sotero, num artigo cheio de destiques e grifos de quem pesa e mede cada palavra — a refletir e fazer refletir no mistério do **ser-igreja**.

Labrunie — uma conferência proferida em Salvador — decide "situar (sua) reflexão na perspectiva de um diálogo com nossas comunidades cristãs brasileiras" e abre, amplia apaixonantemente a perspectiva e o diálogo **em-igreja**.

Quem bisa neste 2 é o Paulo César. E volta com sua vivacidade para questionar, criar paralelos bíblicos e envolver-nos nas Sagradas Escrituras fazendo-nos cúmplices dele e delas.

Como documento, uma quase reportagem, algo muito sério sobre o fenômeno ressacrallante dos Pentecostais Católicos. Uma visão factual de **ser-igreja**.

Nas Indicações, um novo novo, o José Ricardo que de sobrenome é Ramalho e que amplia em número e assuntos nossa faixa de colaboradores. E há outras.

Lançamos o diálogo. Houve gente escrevendo e falando do número 1. Outros o farão com este 2. E vamos metendo na conversa uma porção de gente de primeira plana ampliando o admirável intercâmbio ecumônico.

É isso...



estudos

IGREJA INSTITUCIONAL: FUNÇÃO NEGATIVA ?

GÊNESIS 32.27-29

Perguntou-lhe, pois:
Como te chamas?
Ele respondeu: Jacó.
Então disse: Já não
te chamarás Jacó, e, sim
Israel.

Paulo César Loureiro Botas

MATEUS 16.17-18

Então, Jesus afirmou:
Bem aventurado és
Simão Barjonas, porque
não foi a carne e sangue
que me revelou, mas
meu Pai que está
nos céus.
Também eu te digo que
tu és Pedro, e sobre
esta pedra edificarei a
minha Igreja.

1. Problemática.

Ao propormos uma reflexão sobre o possível paralelismo entre Gênesis e Mateus, pretendemos levantar uma gama de possibilidades para o papel histórico da Igreja enquanto instituição visível através da qual Deus atua no mundo.

Temos consciência de que os designios de Deus são insondáveis e de que nunca se reduzem ou se enclausuram em realidade ou situações passíveis de controle.

Não pretendemos defender teses ou atacar teses, queremos apenas colocar, humildemente, uma contribuição pessoal e intuitiva a uma problemática tão densa e, muitas vezes, tensa.

A reflexão basear-se-á, unicamente, em pistas intuitivas que terão a seguinte estrutura:

a) Em Gênesis 32, Deus cria um povo e este ato de criação é expresso na troca do nome de Jacó para Israel.

b) Israel traz em si a promessa da Terra, tem a certeza de que caminha para essa Terra Prometida onde viverá a sua plenitude.

c) Em Mateus 16, Cristo reassume o poder criador de Deus e cria o novo povo, expresso igualmente na troca de nome de Simão para Pedro.

d) O novo povo, congregado na Igreja, traz em si a promessa do Reino, tem a certeza de que este Reino já veio mas ainda não em sua plenitude.

**“O vento sopra onde quer,
e ouves a sua voz, mas não
sabes de onde vem nem
para onde vai. Assim é to-
do aquele que nasceu do
Espírito”.**

(Jo. 3.8)

2. A tensão entre Lei e Profecia.

Toda esta problemática gira em torno de duas palavras: **fidelidade** e **infidelidade**. Sempre se refere de maneira incisiva à **fidelidade de Deus** apesar da **infidelidade do povo**. E infidelidade do povo não deve ser tomada aqui como infidelidades individuais e subjetivas somente, mas uma infidelidade coletiva, infidelidade esta manifesta nas estruturas injustas e opressoras criadas pelo povo de Israel. Israel, apesar de ser o povo eleito, é o povo infiel. Israel, apesar de conhecer o designio de Deus, de ter a Promessa de Deus para se orientar, tem-se a si mesmo como ponto de referência, fecha-se em normas rígidas, fecha-se na sua pretensa auto-suficiência.

**“Mas se confessarem a sua
iniquidade, e a iniquidade
de seus pais, na infidelida-
de que cometoram con-
tra mim; como também
que andaram contraria-
mente para comigo(...)
então me lembrei da mi-
nya aliança com Jacó”.**

(Lv 26.40-42d)

Israel, enquanto expressão visível da eleição de Deus, tem uma função histórica negativa: mostrar como não deve ser o povo de Deus, o que não pode fazer o povo de Deus, o que não deve ser o seu comportamento.

E tudo isto decorre da sua infidelidade. A literatura profética denuncia a infidelidade de Israel.

“A tua malícia te castigará e as tuas infidelidades te repreenderão; sabe, pois, e vê, que mau e quão amargo é deixares o Senhor teu Deus, e não teres temor de mim, diz o Senhor Deus dos Exércitos”.

(Jr 2.19)

E a infidelidade é concretamente descrita:

“O mercador, tem nas mãos balança enganosa e ama a opressão, mas diz: tenho-me enriquecido e adquirido grandes bens; em todos esses meus esforços não acharão em mim iniqüidade alguma e nada que seja pecado”.

(Os 12, 8)

“Ai daquele que para si construir palácio por meios desonestos, e seus salões violando a equidade. Ai daquele que faz seu próximo trabalhar sem pagar e lhe recusa o salário! E daquele que diz: “vou mandar construir suntuosa morada, salões espaçosos, com largas janelas e revestimento de cedro e pinturas de vermelho”.

(Jr 22.13-14)

“Ai de vós que ajuntais casa com casa e que acrescentais campo a campo, até que não haja mais lugar e que sejais os únicos proprietários do país. Os meus ouvidos ouviram ainda este juramento do Senhor: grande número de casas, eu o juro, serão devastadas e magníficas herdades ficarão destruídas”.

(Is 5.8-9)

Ou ainda:

“Contra o povo da terra praticam extorsão, andam roubando, fazem violência ao aflito e ao necessitado e ao estrangeiro oprimem sem razão”.

(Ez 22.29)

“Ai dos que decretam leis injustas, dos que escrevem leis de opressão, para negarem justiça aos pobres, para arrebatarem o direito aos aflitos do meu povo, a fim de despojarem as viúvas e roubarem os órfãos!”

(Is 10, 1-2)

Ora, toda a fidelidade de Deus se manifesta num nível de contestação a esta infidelidade do povo. Deus contesta através da profecia e a profecia tem uma dupla dimensão:

1. Lembrar ao povo a fidelidade de Deus.

2. Denunciar ao povo a sua infidelidade a Deus, infidelidade que impede a plenitude da Terra Prometida, que coloca o povo numa situação de falsasseguranças e que provoca a ira de Deus.

O que os profetas mostram é que novas estruturas sociais e políticas não serão impostas ou dadas magicamente por Deus, mas estarão na dependência da liberdade e lucidez dos homens e do povo para criá-las.

A tensão na história de Israel vai ser vivida na dimensão da Lei e da Profecia. Não que a Lei não contenha a verdade, mas a

Toda a fidelidade de Deus se manifesta num nível de contestação à infidelidade do povo. Deus contesta através da profecia e a profecia lembra a a fidelidade de Deus e denuncia a infidelidade do povo.

má interpretação da Lei leva o povo a uma situação de opressão, de fechamento e portanto de infidelidade. A profecia tem a missão de denunciar isto, publicamente.

3. A tensão entre Magistério e Carisma.

Se Mateus escreve seu Evangelho para os judeus, se pretende mostrar com o Sermão da Montanha a nova Lei e Cristo como o novo Moisés, nada mais lógico — e assim nos parece — que haja possibilidade efetiva de que no seu capítulo 16 tenha pretendido mostrar que Cristo cria o novo povo, o novo Israel. Ele assume na sua narrativa o mesmo tipo de comportamento de Deus em relação a Jacó, mostrando que no mesmo ato da troca de nome duas dimensões são expressas:

1. A autoridade de Jesus Cristo e o seu poder criador.

2. A criação do novo povo, do novo Israel, a partir de Pedro.

Ora, consequentemente, a experiência e a vivência histórica da Igreja deve ser vivida em continuidade à experiência e vivência de Israel.

Neste sentido a Igreja Institucional teria uma função também negativa: a de mostrar ao mundo o que não é o Reino de Deus

e de ser sinal da fidelidade de Deus ao seu povo apesar da infidelidade da sua Igreja.

Na verdade podemos sentir e constatar o quanto, na sua experiência histórica, a Igreja Institucional se fechou dentro de falsas seguranças, de normas rígidas, de atitudes meramente formais e formalizadas. E, como em todas estas vezes apareceram contestações de pessoas carismáticas e proféticas que, por causa da sua fidelidade à Igreja e ao Reino de Deus, contestaram e denunciaram esta infidelidade da Igreja Institucional.

Sem dúvida o paralelismo se faz. A tensão existe: **dentro do povo denunciando a infidelidade do povo, dentro da Igreja denunciando a infidelidade da Igreja.**

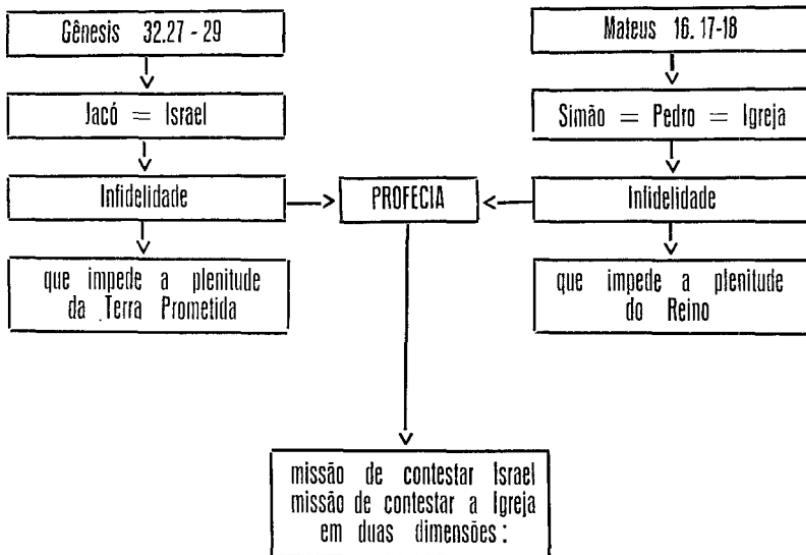
A tensão é vivida entre a verdade do carisma e a verdade do magistério. O Espírito atua na Igreja através de pessoas carismáticas e contestatárias (padres

do deserto fundadores de novas ordens, S. Domingos, S. Francisco, S. Bento, Lutero; e por que não João XXIII?). Quantas vezes o magistério não acabou integrando o conteúdo destas contestações? (Teillard de Chardin, padres operários, etc....). O carisma e a sua verdade fogem das garras do controle magisterial e aparecem onde menos se espera e há de se esperar.

Assim como a Lei não encerra toda a verdade, a verdade do magistério não reduz em si mesma toda a verdade da Igreja. É nesta tensão que se faz o crescimento do Reino e de Israel. Nesta tensão Deus atua e faz caminhar o seu povo para a plenitude da Vida.

A profecia novamente é exercida ao ser contestada a infidelidade da Igreja Institucional. E o reino da profecia é o carisma.

Em síntese teríamos o seguinte gráfico:



- a) Afirmando a fidelidade de Deus;
 - b) Denunciando a infidelidade de Israel e da Igreja.
- Esta missão é vivida numa situação de constante tensão:
- a) Entre a Profecia e a Lei;
 - b) Entre o Carisma e o Magistério.
- Fica a questão aberta para se pensar...

Missão da Igreja Hoje

Claude Emmanuel Labrunie

1. INTRODUÇÃO

DECIDI situar a presente reflexão na perspectiva de um diálogo com as nossas comunidades cristãs brasileiras. Pertenco a uma tradição evangélica, a calvinista, radicada em nosso território desde meados do século passado, e, como tal, estou preocupado com a enorme responsabilidade que nos está confiada frente ao povo brasileiro e de nossas igrejas. Justamente, será na medida em que houver um serviço relevante de compaixão ao povo que elas terão chance de enxergar melhor uma dimensão prioritária do Evangelho hoje.

Parece-me que a melhor forma de contribuir para este intento será a tentativa de uma fundamentação bíblico-teológica de dimensões de ética social cristã, imprescindíveis a uma consideração do relacionamento entre processo de desenvolvimento e missão dos cristãos ou da Igreja. Sinto-me fascinado não só pela complexidade e urgência da elaboração, por cristãos, de projetos de desenvolvimento, mas também pela missão de encarnar e transmitir a todos os crentes de nosso país o novo horizonte de serviço e testemunho que a relação entre desenvolvimento e fé cristã torna inescapável para todos nós.

**Importante é o
aparecimento de gente
fundamentalmente livre
para inventar seu
comportamento
e conduta frente às
exigências do mundo.
O futuro da fé cristã
no Brasil dependerá da
coragem e inventividade
dos cristãos.**

DRAMATIZAÇÃO DO NOVO HORIZONTE

Uma das passagens-chaves do Novo Testamento, que nos aponta para o estilo prioritário de ação para nossos dias, está em Lucas (10.25-37). É preciso observar aqui alguns elementos desta parábola.

Há uma inversão completa na conclusão da narrativa (vv. 36, 37) do problema inicial que desencadeou a estória. A indagação “Quem é o meu próximo?” não vai ser atendida. Nenhuma definição teórica é dada. Não se trata, para o evangelista, de Je-

sus “definir”, nem de modo “conservador”, nem de modo “inovador” o tema doutrinário-teológico proposto. O nível da pergunta originária é doutrinário, pois trata-se do cumprimento da revelação (da Lei, que determina que se ame o próximo).

Seria conservadora a resposta, se Jesus se subscrevesse à posição considerada ortodoxa na igreja do judaísmo contemporâneo — o próximo é somente aquele que faz parte do povo de Israel. Modernista, ou matizada heresia, haveria de ser outra qualquer solução. Mas, como a questão proposta foge, por sua importância e enfoque novo em Cristo, à alternativa obcecante entre ortodoxia e heresia, Jesus aparece inserindo-a em horizonte e nível inesperado, desnorteante.

A resposta (conclusão) não é uma teoria — debatível como toda teoria — mas um desafio à ação. Trata-se de inventar a ação, de realizar nossa “proximidade” com todos os caídos e necessitados de misericórdia pelo mundo em fora. Nesta ação, e somente nela, é, quando inseridos neste movimento — e isto só basta, — que a Revelação (a Lei que outorga a vida eterna) cumpre plenamente a sua intenção. Quando há “próximos”, quando os oprimidos e privados de vida são libertados, quando os espezinhados são redimidos, então a salvação de Deus está presente, encarnando-se ao nível do mundo e patenteando-se com força irresistível na vida dos homens.

Se esta passagem do Novo Testamento deve ser levada a sério, então a fé cristã não consiste tanto em idéias certas acerca de Deus, da Igreja e do mundo, mas em idéias práticas e agônicas a respeito de como socorrer e minorar as desgraças dos vilipendiados e desonrados da terra. Idéias agônicas (que se servem do que está ao nosso alcance: azeite e vinho para feridas) por-

que inspiradas por aquele que agonizou por nós e continua exigindo, e constrangendo-nos com o seu “Faze isto e vivevás” (v. 28).

NOVO VERSUS VELHO

Toda parábola tem um núcleo ou cerne. Para ele convergem as linhas todas da estória, que é ilustração do Reino, do Evangelho, ou de ação de Deus em Cristo por nós e no meio de nós. Este núcleo emerge na conduta de um samaritano que se torna o meio de redenção de uma situação humana desesperadora.

O foco da parábola ilumina o contraste entre duas religiosidades vividas, duas concepções da revelação de Deus e derivadas da Bíblia do Antigo Testamento, postas em prática: a dos representantes do judaísmo (sacerdote e levita) e a de Jesus tipificada pelo samaritano. Os dois primeiros, surpreendidos pela descoberta do corpo caído à beira do caminho, sábia, coerente e fielmente conformaram-se aos preceitos da Lei, da tradição, que prescrevem condição de impureza para quem tocar um defunto ou moribundo. O mínimo que se requer de ministros de culto não é justamente o preservarem-se de contaminações para o serviço sagrado?

Eis que sobrevém um samaritano. Defronta-se com a situação. Envolve-se nela. Assume riscos e faz sacrifícios. Movido por compaixão, inventa medidas precárias, mas relevantes, para remediar os ferimentos. Lança mão dos recursos disponíveis e deita vinho e azeite às equimoses.

Em outras palavras, o Senhor da Igreja, ao requerer do crente, especialista em investigar a revelação bíblica (“o intérprete da lei” e nós mesmos), uma decisão existencial frente aos dois estilos de vida ou comportamentos destacados pela parábola, desencafeia uma escolha entre a mor-

te e a vida. Salienta a bancarrota total do judaísmo. E com ele, o judaísmo, de toda fé, mesmo a que se reporta à Bíblia, que interpreta o designio de Deus para nossa ação, ou a preocupação do Deus da História com nossas vivências diárias, em termos de conformação com modelos ou esquemas fixos que se pretendam encontrar no texto sagrado.

Ao contrário, a inquietante indagação “Qual destes três te parece ter sido o próximo do homem que caiu?...” preconiza a conversão, *metanóia*, a uma nova concepção e atitude de vida. Trata-se, nada mais, nada menos, do aparecimento de novo homem, de uma humanidade inteiramente nova e desconhecida até então.

O que está em jogo é o aparecimento de gente fundamentalmente livre para inventar seu comportamento e conduta frente às exigências e possibilidades concretas de nosso mundo. Gente que não está atada por princípios de ortodoxia, tradição ou esquemas conceituais, mesmo bíblicos, mesmo representativos de soluções válidas de fé e de fidelidade eclesial no passado. A novidade radical, revolucionária, da proposta de Cristo — implícita no repto ao doutor da lei — é a liberdade total e imprescindível para descobrir as saídas para os becos fechados da existência e do mundo.

A DINÂMICA DO EVANGELHO

Não é difícil perceber que a dinâmica do Evangelho implicada nesta interpretação é radicalmente desafiante para o protestantismo, senão cristianismo brasileiro, historicamente tradicionalista.

Desafiante na medida em que o testemunho do Novo Testamento convergir na insistência de um Evangelho assim encarnado e combativo no seio dos cativeiros do mundo. Minha con-

“Quem é o meu
próximo?”
**Quando há “próximos”,
quando os oprimidos
e privados da vida
são libertados,
quando os espezinhados
são redimidos, então
a salvação de Deus
está presente.**

vicção é de que esta visão visceralmente dinâmica e prática do Evangelho corresponde ao coração da Nova Aliança. Basta, por ora, citar apenas alguns grandes textos que patenteiam de modo inequívoco esse dinamismo. (1).

PARÁBOLA E EVANGELHO

Está muito inadequado o que foi dito até agora acerca da parábola do bom samaritano, que escolhi para dramatizar o horizonte do Evangelho — as dimensões do intento de Cristo para nós, cristãos brasileiros da segunda metade do século XX.

Uma primeira precisão se impõe. O conceito de Evangelho, e sinônimos, como Reino (de Deus), Revelação, são amplos e abstratos demais para o entendimento da maioria de nossas igrejas locais.

Usei Evangelho, tentando abranger dois aspectos inseparáveis e complementares. O primeiro é de iniciativa de Deus. Abrange a ação presente de Deus no meio humano, no passado, no presente e no futuro. Esta presença constante e transformadora de Deus, no mundo e

para o mundo implica em aspecto de vitória, e obra concluída e acabada por Deus em Cristo. E implica, paradoxalmente, também aspecto de inconclusão, não-acabamento e continuidade do operar de Deus. Este último sugere, para nós cristãos, que o Evangelho também é constituído de nossa participação, envolvimento, engajamento no mundo dos homens, de uma certa maneira. Em outras palavras, Evangelho (e seus sinônimos) indica uma atuação de Deus, no meio e a favor de homens (do mundo), mas também por intermédio de homens. Isto levanta o véu sobre a missão da Igreja.

PARÁBOLA DO ENGAJAMENTO MARTIRIAL

Outra indicação fundamental é que a parábola do bom samaritano, tomada nesta reflexão como representante do Evangelho, da ação de Deus (em Cristo) na qual se imbrica nossa participação humana, eclesial, nada tem a ver com a beneficência humanitarista. Esta pode lá ter seu lugar, mas a parábola é revelação de especificidade da ação dos cristãos ou da Igreja. Isso ocorre porque Cristo é a fonte última da parábola e porque ele assumiu total e terrivelmente sobre si toda a realidade de ser Deus para o mundo, no mundo; e ser Homem para o mundo e no mundo.

Só Jesus Cristo poderia ter a autoridade de exigir do doutor da lei uma decisão existencial última entre seu passado de legalismo, de fidelidade à revelação bíblica em termos de Lei, e uma novidade de vida tão radical como a plena liberdade para a invenção e descoberta de atos de amor, atos de atendimento e socorro, ações planejadas ou não, de compaixão e libertação para os deserdados do mundo.

E donde vem esta autoridade? Do fato de ser ele, o Ressusci-

tado, a presença atuante de transformação e vida do mundo. Ele pode nos constranger, e de fato nos constrange, por uma vida crucificada de amor a nós, ao engajamento do martírio no mundo, porque é **no mundo** que ele nos espera para possibilitar a realização de nossa proximidade com os caídos e necessitados.

A vítima, na parábola, ao contrário das outras personagens, não vem caracterizada, nem étnica, religiosa ou socialmente. A vítima é o oprimido, o explorado, o subdesenvolvido. É o homem. O homem que precisa do homem para ser homem.

Todo o Novo Testamento converge na insistência do mistério de identificar a condição do oprimido com a presença e a pessoa de Cristo, do Servo que se fez oprimido, escravo, vítima, para que a opressão se abra debaixo, em promoção e libertação.⁽²⁾

O oprimido é o que possibilita a invenção de nossa "proximidade", de nossa fraternidade com ele. O caráter de sua opressão determina o tipo de atendimento ou libertação a ser descoberta, determina o estilo da missão da Igreja, o estilo da vida de cada cristão, a forma de cada comunidade de crentes que descobre e vive a Redenção no risco e movimento de realizar a encarnação e identificação: quer este movimento seja o de estabelecer relações pessoais de amor ou relações impersonais de humanização de estruturas sociais e culturais.

EVANGELHO E SOCIEDADE MODERNA

Alguém indicará que, na parábola já comentada e no Novo Testamento como um todo, o Evangelho — a atuação de Deus em favor do homem e por intermédio de homens — estabelece relações pessoais entre in-

divíduo e indivíduo. Se relações individuais de amor são as contempladas pelo Novo Testamento, então não haveria lugar para preocupação com o mundo social, e, portanto, com suas estruturas, na missão da Igreja.

Esta observação é séria pois é feita diariamente em nossas igrejas brasileiras. Ela invalida a preocupação cristã com projetos de desenvolvimento e qualquer relacionamento com horizontes sociais e políticos. Deve ser encarada com cuidado, pois confirma-se que a ética neotestamentária é bastante pessoal e convoca o homem a estabelecer relações individuais de amor. Nem poderia deixar de o ser, pois trata-se de testemunho apostólico situado no primeiro século de nossa era.

O mundo antigo era diverso do nosso. Para apenas dar uma indicação deste fato, basta lembrar que a ordem político-social era sacralizada, considerada como ordenamento divino do mundo. Isso é típico no Império Romano onde seu cabeça, Cesar, era adorado como Deus. Nesse mundo nem mesmo o Estado exercia funções sociais propriamente. Como em Romanos 13 se deixa ver claramente, a função social exercida pelo Estado limitava-se à manutenção da ordem vigente (considerada como expressão da intenção divina para o povo). O Estado ocupava-se principalmente do aspecto jurídico, ou propriamente do direito penal, reprimindo os crimes ou delitos nas relações individuais que vinham perturbar a ordem. Esta sacralização da ordem sócio-política já vinha da Grécia, onde a cidade-estado era considerada como a manifestação adequada do grande ordenamento divino do cosmos.

Foi a fé cristã que operou a secularização do Estado e da ordem sócio-político-econômica que ele preside. O próprio Jesus está à frente desta mudança ao

estabelecer a distinção “Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus”. “Isto significa que as exigências da autoridade política são e devem permanecer exigências limitadas a um âmbito muito definido e não devem nunca minar as exigências infinitas de Deus. Jesus previne-nos, pois, contra a confusão entre a ordem nacional (sócio-política) e a ordem divina. O cristianismo efetivamente introduziu na história uma relativização da ordem política.” (3)

Como demonstra com felicidade o artigo citado, a percepção de que a vida social hoje exige da Igreja uma teologia ética própria, é uma percepção recente. “É, sem dúvida, o mérito dos diferentes movimentos de ideologias socialistas de haverem evidenciado o caráter específico da ética social e sua impossível redução às normas de consciência individual. (....) Em outras palavras, a descoberta do socialismo consiste em ter percebido que os principais problemas de ética social são problemas de estruturas: estas são realidades objetivas evoluindo segundo leis próprias. É possível criar a ciência destas realidades. A descoberta do socialismo teve por consequência específica a constituição de uma ciência das estru-

**Não há uma fórmula de organização e instituição eclesiástica no testamento apostólico do primeiro século.
A diversificação começou com os contrastes entre as comunidades judaico-cristãs e gentílico-cristãs.**

turas sociais, a sociologia. As decisões individuais, a boa vontade, têm influência muito limitada sobre as estruturas sociais. (...) A descoberta de uma ética social específica, irredutível à ética individualista, deixou a consciência cristã desamparada." (4)

Para a aquisição de uma visão responsável do mundo contemporâneo e de suas implicações para a missão da Igreja, é preciso perceber o intrincado da teia de relações sócio-político-econômicas na sociedade de que fazemos parte. Essa é realmente, e cada vez mais, uma "aldeia global" na estimulante expressão de McLuhan. O homem hodierno, chamado a exercer a CIDADANIA, interfere, por sua ação ou omissão, na teia já referida. É uma infantilidade intelectual pretender atualmente que o cidadão cristão, como tal, só tem a preocupar-se com relações pessoais-individuais de amor. Estas serão sempre importantes. Mas confinar-se a elas é fazer como a avestruz que enfia a cabeça na areia para não ver o mundo do século XX e não divisar as exigências da mensagem bíblica como um todo. Levar o mundo atual a sério, significa perceber que cada homem é ser-social e que todas as fibras de sua personalidade têm extensão e realidade social. Implica na sensibilidade para a conjuntura vigente, onde qualquer realismo e eficácia para a promoção e libertação do homem significa interferir em realidades de estrutura social.

Quanto à revelação bíblica, ela deixará de ser tão barateada pelas vivências diárias dos cristãos brasileiros, quando começarmos a nos aperceber, existencialmente, da insistência do Novo Testamento sobre a soberania cósmica de Cristo. E por esta soberania, tão teórica em nossas consciências, deve-se entender não apenas que o universo está sustentado pelo poder

criador e redentor de Deus, mas que o Ressuscitado está atuante nas estruturas sócio-político-econômicas que permeiam a todos nós brasileiros de nosso tempo. Nestas estruturas o Cristo nos está esperando, e nelas, tem um encontro marcado conosco. (5).

Nestas dimensões complexas vivem os homens caídos de nosso tempo. Tentar viver em compaixão realista e eficaz, quer dizer, entrar na rede de relacionamentos sociais com lucidez, informação e consciência de que, na medida em que apoiamos a auto-promoção de oprimidos, estaremos servindo ao levantamento de sinais do Reino, de consequências imprevisíveis para o todo global da sociedade. Não podemos deixar de prosseguir em nossa associação com a edificação que Deus faz destes sinais. Serão ambíguos como todos os sinais, mas a presença do Ressuscitado estáativa neles.

LIBERDADE PARA AS ESTRUTURAS SOCIAIS E O ESPÍRITO CONDICIONAREM A FORMA DA IGREJA

Nesta reposição a respeito do dinamismo do Evangelho e da flexibilidade de formas com que ele se encarna livremente nas mais impossíveis e complexas situações sociais e humanas, falta um elemento significativo para a missão de nossas igrejas. Como evangélicos brasileiros, costumamos conceber que a estrutura eclesial em que vivemos corresponde ao padrão revelado no Novo Testamento. Cada denominação zela por esta fidelidade e ortodoxia. Tal compreensão da Escritura congela as nossas tradições e comunidades em compartimentos estanques e inflexíveis. Toda a vida das paróquias tende a ser atividade centrípeta, destinada a defender e a reani-

mar o pretendido modelo bíblico da Igreja.

É chegada a hora de alguns se arriscarem a divulgar entre nós que a exegese bíblica do século XX converge para o entendimento de que não há uma fórmula de organização e instituição eclesiástica no testamento apostólico do primeiro século. A unanimidade dos historiadores desse período confirma-se cada vez mais na percepção da grande variedade das estruturas e dos ministérios das igrejas na primeira geração de cristãos e nas subseqüentes. A diversificação começou com os contrastes entre as comunidades judaico-cristãs e gentilicocristãs. Tais contrastes eram inevitáveis pela adaptação das igrejas às oportunidades e condições sócio-culturais de sua inserção concreta.

Urge que nós evangélicos tomemos consciência de que o cânon da Nova Aliança é antes eloquente testemunho da liberdade com que nossos pais enfrentaram as exigências da missão no mundo de seu ambiente. Não teria chegado o momento de nos sensibilizarmos com a revelação neotestamentária que, antes de mais nada, convoca-nos para a liberdade quanto às formas (que devem ser missionárias) da Igreja? Não seria assim pelo fato do Ressuscitado reservar para sua exclusiva competência o inspirar pelo seu Espírito qual ou quais os contornos incarnacionais (institucionais) que as igrejas brasileiras devem inventar para servir nas oportunidades à mão?

A discrepancia de leitura do texto sagrado, que cada denominação tradicionalmente faz no que tange à eclesiologia, deveria levar a perceber o equívoco, e talvez a idolatria, inclusa num modelo estático de igreja, que se quer defender a todo custo contra as exigências missionárias de nosso mundo. Se esta observação faz sentido, abre

perspectivas generosas para a aproximação e cooperação entre igrejas que precisam cada vez mais aproximar seus recursos e membros para atuarem em setores, níveis e estruturas humanas diversas, da realidade brasileira.

CONCLUSÃO

Parece-me que o futuro da fé cristã no Brasil irá depender, em não pouca medida, da coragem e inventiva dos cristãos. Assim creio, porque, justamente, são os cristãos que se encontram convocados ecumenicamente para se atritarem com as terríveis realidades do pobre e da sociedade neste querido e grande país-continente.

Parábola do que havemos de ser nestes dias e nos vindouros? De paródia ou de milagre? Os extremos se tocam. A diferença está por um fio. Se houver a audácia que só o Ressuscitado autoriza, e o criterioso levantamento das situações concretas que as estruturas brasileiras condicionam, poderemos achar o caminho que separa a descoberta de nova etapa para a Missão da Igreja, do fracasso de mais uma tentativa de discernir as oportunidades.

APÊNDICE :

**NOVO TESTAMENTO
EM VERSÃO RECENTE**

Efésios 5.15, 16 “Sejam, pois, extremamente cuidadosos na maneira como se conduzem: como homens atilados (perceptivos, vigilantes) e não como quadrados. Esgotem todas as possibilidades da presente oportunidade, porque estamos em dias que são maus.”

Filipenses 2.5-11 “Tenham aquele comportamento, em suas mútuas relações, que caracterizava Cristo Jesus. Estando na situação (condição) de Deus, não considerou, como presa, sua igualdade com Deus, mas despojou-se a si mesmo, assumindo a situação de escravo, tornando-se semelhante aos homens; tido como homem comum, rebaixou-se a si próprio, mostrando-se obediente até à morte, e até à morte de cruz. Pelo que também Deus o exaltou sobremaneira e lhe deu o nome que está acima de todo nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho, nos céus, na terra e debaixo da

terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é Senhor, para glória de Deus Pai.”

Colossenses 1.15-20 “...dele é a primazia sobre todas as coisas criadas. Nele tudo, no céu e na terra, foi criado, as visíveis e as invisíveis, sejam tronos, sejam soberanias; quer principados, quer potestades. Todo o universo foi criado mediante ele e para ele. E ele existe antes de qualquer outra coisa, e todas as coisas são mantidas juntas nele. Ele é, além disso, a cabeça do corpo, da Igreja. Ele é a origem céla, o primeiro a regressar da morte, para ser em todas as coisas o único supremo. (....) Por intermédio dele Deus escolheu reconciliar consigo mesmo o universo inteiro, estabelecendo paz mediante o derramamento de seu sangue sobre a cruz — para reconciliar todas as coisas, tanto na terra como no céu, através de Jesus Cristo somente.”

NOTAS

- (1) Mt 11.2ss.; 25.31-46; Lc 4.17ss; 2 Co 5.15-21 e 6.1; Gl 5.1; Ef 1; 5.15-17; Fp 2.5-11; Cl 1.13ss etc.
- (2) Mt 25.31-46; Lc 4.17ss; 2 Co 25.21; Fp 2.5-11 etc.
- (3) Mehl, Roger. “Du fondement de l'éthique sociale chrétienne” in *L'éthique sociale chrétienne dans un monde en transformation*, Paris, Labor, 1965, p. 30.
- (4) Op. cit., pp. 29, 30.
- (5) Cf. Ef 1; 5.15-17; Cl 1.13ss. etc.

O QUE É IGREJA HOJE

José Sotero Caio

1. UMA TAREFA URGENTÍSSIMA

PRECISAMOS reencontrar originariamente a **missão de Abraão** para perceber em toda a sua autenticidade o sentido e o significado do **que é igreja**. Paulo já fez isso quando se tratou de identificar o verdadeiro Israel, o Israel-no-Espírito, desmitizando ou dessacralizando o significado da circuncisão judaica (cfr. sobretudo Gálatas). Paralelamente, o mesmo tem que ser feito livremente em nossa época, para que os verdadeiros filhos de Abraão possam encontrar a **Igreja-no-Espírito**, "a Jerusalém lá do alto é livre e é nossa mãe." (1)

Isto implicará em traduzir para os nossos dias a Boa Nova de **como acontece realmente igreja**. E tal procedimento se fará do seguinte modo: Assim como Paulo mostrou a reconciliação de judeus e gentios no projeto orginário de Deus, por nossa vez devemos mostrar a reconciliação da **IGREJA** e do **MUNDO** naquele único e eterno projeto.

Como se fará isto? Desmitizando-se o **caráter separado**, ou melhor, a **compreensão sacralizada** (e **sacralizante**) da realidade eclesial. Isto é: transformando nossa própria mentalidade para que se liberte em nós o **ESPIRITO ECLESIAL**. Ele de-

ve-se libertar da "casca sagrada" com que, culturalmente, — talvez para que fosse "guardado" fielmente — se revestiu. Neste sentido, um esforço comunitário de discernimento está sendo exigido de todos os cristãos. E, nesse esforço de reflexão da fé, será preciso distinguir nitidamente três níveis de realidade que geralmente se confundem, na mentalidade cristã habitual.

Não podemos mais consentir na confusão entre:

a) **instituições eclesiásticas**: paróquias, colégios, associações pias etc.;

b) **instituição eclesial**: forma sociológica e cultural com que se expressa a vida cristã no espaço e no tempo;

c) **espírito eclesial**: o sentido real da **missão cristã** no mundo.

Trata-se, portanto, da tarefa urgentíssima de VER e de MOSTRAR a reconciliação do **Espírito que trabalha no mundo** e o **impulsiona** com o mesmo **Espírito que se acha na raiz da missão eclesial originária** que já se explicita a partir da vocação de Abraão. É o mesmo e único Espírito que deu origem à constituição cultural de **Israel** e, em seguida — como Paulo mostrou — à constituição da **Igreja-dos-gentios**.

Segundo a vivência e o próprio método paulino, o ponto nevrágico de toda essa tarefa consistirá na desmitização do sentido sagrado, ainda agora vi-

gente, do Batismo; e, consequentemente, dos sacramentos em geral. Em concreto, pois, é imperioso mostrar como todo e qualquer empreendimento humano sem o ESPÍRITO BATISMAL vai à falência, na construção do homem e do mundo segundo o plano eterno do Pai.

Abre-se então a perspectiva de um novo tipo de catecumenato para os nossos dias: o primitivo catecumenato (época patrística) foi uma iniciação à comunidade sagrada dos discípulos de Jesus, entre os gentios; o novo catecumenato será uma iniciação à missão de como ser rei, sacerdote e profeta dentro da evolução e do desenvolvimento da comunidade humana cuja meta é a manifestação do Cristo cósmico, quando "Deus será tudo em todos".

2. IGREJA: A PALAVRA E O FATO

Preciso se faz, antes de tudo, ultrapassar os ídolos da palavra igreja. Chamo de ídolos, no caso, as falsas imagens que se internam entre a palavra-igreja e o fato-igreja e que perturbam a percepção direta deste último. São representações, imaginativas ou conceituais que tradicionalmente se entronizaram em nossa mente e que, por isso, substituem o acontecimento que na verdade constitui igreja. Se, portanto, queremos investigar e compreender o fato-igreja, é necessário primeiro não nos deixarmos embaracar pelas fantasias ("fantasmas", diriam os escolásticos) pseudo-teológicas que impedem sua descoberta real e sua visão imediata.

Convém notar, aliás, que todos esses ídolos se originaram dos modos historicamente vividos de se experimentar o que se tem denominado "igreja" ou "igrejas". Por isso, nem mesmo todos os teólogos puderam sempre escapar da fascinação de tais "ídolos." A noção da Igreja" —

confessa um deles — "é essencialmente co-determinada pela fisionomia que ela assume em cada período da história. Pode a Igreja tornar-se prisioneira da imagem que ela moldou de si mesma numa certa época. Efetivamente, tem cada época sua imagem própria da Igreja, elaborada a partir de uma situação histórica determinada, vivida e forjada por uma certa Igreja histórica, conceitualizada, antes ou depois, por certos teólogos na história". (2) Seria fácil mostrar como isso aconteceu com a auto-compreensão da Igreja explicitada, por exemplo, no Concílio Vaticano II (cfr. LUMEN GENTIUM).

O imenso obstáculo, pois, para se encaminhar uma investigação autêntica do fato-igreja consiste, precisamente, na persistência quase intransponível de tais ídolos em nossa mente. São imagens primitivas e ingênuas de igreja, pressupostas até em nosso subconsciente, imagens pré-criticas que certo pensamento teológico e muito da catequese contemporânea ainda hoje continuam a alimentar e a transmitir. E assim, — mesmo já ultrapassadas nas definições mais atualizadas do que seja igreja — continuam inconscientemente deformando nossa percepção real do que é na verdade igreja.

Apesar de praticamente anuladas pelos fatos, tais fantasias ou fantasmas têm uma força de permanência extraordinária. E por quê? Simplesmente porque esses ídolos são considerados mais essenciais do que os próprios fatos. Pois, segundo alguns, eles se baseariam nas palavras bíblicas. Mas o que acontece de verdade, é que esses teólogos tanto se acostumaram a justificá-los a partir da Bíblia que, finalmente, se esqueceram, no estado atual das coisas, de que o verdadeiro critério foi nor eis inteiramente invertido. Pois, na mentalidade habitual dos teólogos, acontece que as

próprias palavras bíblicas só são vistas, interpretadas e entendidas mediante o crivo desses ídolos perturbadores.

Portanto, histórica e culturalmente constituidos como imagens subjacentes ou como fantasmas "locativos" de toda nossa reflexão sobre Igreja, os "ídolos" de que falamos, retroagem por sua vez, sobre toda e qualquer leitura, bem como sobre toda e qualquer interpretação que fazemos hoje dos textos da Escritura onde aparece a palavra igreja. E tudo isto é fruto do estado ainda teoricamente pré-crítico da nossa reflexão teológica. Quero dizer: quase toda a teologia, especialmente sobre a Igreja, ainda se faz a partir de uma ingenuidade fundamental. Ingenuidade que provém da não conscientização crítica dos seus pressupostos, tanto psicológicos como sociológicos.

Desta nossa reflexão concluímos o seguinte: É preciso que nos libertemos de tais ídolos. Para isso, importa primeiro traçar uma imagem prospectiva e simbólica da transformação por que irá passar (e já está passando) a Igreja. Tentar-se-ia, em seguida, recolocar nos seus devidos termos as configurações atuais e passadas da Igreja. Ou seja, aproximativamente, "começando por Moisés e percorrendo todos os profetas", seria preciso reinterpretar "o que concerne à

Igreja em todas as Escrituras". (3). É o que vamos tentar fazer, ainda que de forma bem fragmentária.

3. O SENTIDO REAL DE IGREJA

Haverá um futuro para a Igreja? É a pergunta que todos os cristãos se colocam com certa inquietação nos dias que vivemos. Cada vez mais explicitamente ela se impõe, queiramos ou não, à consciência de todos os homens.

Resumidamente, a resposta se esboçaria nos seguintes termos: Em princípio, sabemos que a Igreja é obra do Espírito, e, sendo obra do Espírito, ela pode mudar infinitamente sua expressão concreta, sem que por isso se negue a si mesma na sua essência. Pode expressar, de modos infinitamente variáveis, a sua mesma e única verdade, a qual é fruto de um mesmo e único Espírito.

Dai é que, vista assim, não há limites absolutos para uma NOVA EXPRESSÃO da única e mesma realidade eclesial. Assim como não há limites para o Espírito donde ela se origina.

Qual será a NOVA EXPRESSÃO, prospectivamente previsível, em que se esboçará a realidade eclesial?

Para responder a tal pergunta de modo claro (tanto quanto nos é possível), retomemos nosso raciocínio anterior e tentemos figurá-lo num arquétipo imaginário. Este nos servirá de imagem-símbolo e, ao mesmo tempo — como, de resto, todo arquétipo — de fonte inspiradora e estimulante de nossos pensamentos.

**Preciso se faz
ultrapassar os ídolos
da palavra igreja,
as falsas imagens que
se interpõem entre a
Palavra-igreja e o Fato-igreja. Todos esses ídolos
se originaram dos modos historicamente
vividos de se experimentar o que se tem
denominado "igreja" ou "igrejas".**

Quem de nós poderia diretamente reconhecer, na **energia motora** que impulsiona os nossos automóveis, os antigos músculos dos animais de tração que outrora puxavam as diligências e carroças dos nossos antepassados? Creio que muito pouca gente hoje se lembra de fazer tal relacionamento.

No entanto, a unidade que serve ainda agora de base para se medir a potência de um automóvel é — como repetimos hoje, sem geralmente nos darmos conta disso — o HP. Isto é, o "horse-power", ou seja, a **força de um cavalo**. Nossos automóveis variam a sua potência conforme seus respectivos motores sejam de 30, 36, 40, 100 HP. Sendo assim, poderíamos dizer que é a mesma **energia do cavalo**, enquanto energia de tração, que continua a puxar os nossos carros moderníssimos. É a **mesmíssima potência**, embora transformada numa expressão aparentemente irreconhecível. Já não se podem ver os corpos dos cavalos. Desapareceram seus membros, seus músculos, suas caudas, em movimento conjugado, diante das antigas caleças e carruagens.

O mesmo — quero dizer — vai acontecer, e já está acontecendo, com a **potência espiritual** que se manifesta naquilo que o Novo Testamento denominou de **igreja**. O que essa potência foi no passado, continua a ser no presente e também no futuro. Na sua manifestação eclesial será, no porvir das suas aparências, completamente irreconhecível, se nos deixarmos guiar pelos critérios dos músculos, das caudas, dos membros, ou dos corpos dos "cavalos". Como também seria inteiramente desproposital, agora, tentar descobrir nos motores e nas configurações moderníssimas dos nossos veículos de transporte vestígios concretos dos animais que moveram as diligências e carroças de outrora.

Tudo isto foi dito por alegoria. E para prolongá-la um pouco mais é bom acrescentar o seguinte: antigamente eram os cavalos que moviam as carroças, mas eram eles, também, que impediam uma velocidade maior nas carroças. De tal modo que, em face do presente, o uso de cavalos **atrapalha**, em vez de **ajudar**, o movimento dos veículos.

Assim, analogamente, as estruturas expressivas do que até agora se denominou **igreja** mudarão tanto quanto se diferenciou o modo de tração de um motor, comparado com o modo de puxar de um organismo como o do cavalo. Porque em toda a mutação pela qual está passando a Igreja (e passará até o fim dos séculos) o que se atinge e transforma não é a sua **ESSÊNCIA** mas as suas **FORMAS-DECOPORTAMENTO** estruturadas. Ocorreu, muitas vezes, na concepção confusa de muitos cristãos, identificar-se a **essência** (*wesen*) da Igreja com sua variadíssima **forma-de-comportamento** (*gestalt*) através da História.



Eis aí, sucintamente, nosso **arquétipo imaginário**. Consoante já foi dito, é esta a **imagem**, a que nos referiremos sempre, no decorrer das presentes reflexões.

Qual a essência da Igreja?

Para quem refletir com a mente lúcida, mais ou menos liberta do crivo dos fantasmas do passado, **igreja** significa, antes de tudo, a maneira especial de se relacionarem os homens. E não, propriamente, uma determinada **instituição sociológica**; ou, como antigamente se dizia, uma **sociedade perfeita**, paralela ou à margem da **sociedade civil**. Negativamente, essa maneira especial de convivência se define como não sendo **fruto das luzes** daquele tipo humano,

produto exclusivo, segundo o Evangelho, da "carne e do sangue". E, positivamente, tal **modo especial** de relações humanas se definiria, para usar uma expressão de Fernando Pessoa, como a **maneira-Deus**". A ex-

pressão do poeta, dentro do seu próprio contexto, tem uma significação tão profunda que pode legitimamente ser transposta e assumida como uma caracterização bem precisa dos **ser-igreja** que estamos buscando:

"Tudo o que há dentro de mim tende a voltar a ser tudo.
Tudo o que há dentro de mim tende a despejar-me no chão,
No vasto chão supremo que não está em cima nem embaixo
Mas sob as estrelas e os sóis, sob as almas e os corpos
Por uma oblíqua posse dos nossos sentidos intelectuais.

Sou uma chama ascendendo, mas ascendendo para baixo e para [cima,
Ascendo, para todos os lados ao mesmo tempo, sou um globo
De chamas explosivas buscando Deus e queimando
A crosta dos meus sentidos, o muro da minha lógica,
A minha inteligência limitadora e gelada.

Sou uma grande máquina movida por grandes correias
De que só vejo a parte que pega nos meus tambores,
O resto vai para além dos astros, passa para além dos sóis,
E nunca parece chegar ao tambor donde parte...

Meu corpo é um centro dum volante estupendo e infinito
Em marcha sempre vertiginosamente em torno de si,
Cruzando-se em todas as direções com outros volantes,
Que se entrepenetram e misturam, porque isto não é no espaço
Mas NÃO SEI ONDE ESPACIAL DE UMA OUTRA MANEIRA-
[DEUS". (5)

Toda a vida e a mensagem do Cristo outro sentido não têm senão o de revelar aos homens o que seria, precisamente, esse NÃO SEI ONDE ESPACIAL DE UMA OUTRA MANEIRA-DEUS.



A **maneira-Deus** não se identifica nem se pode confundir com uma estrutura em si e de si mesma "sagrada". Porque a **maneira-Deus** de que falamos não tem nada a ver com os mitos religiosos ou metafísicos, nem tampouco com os sacrifícios e rituais que acompanham seus cultos.

Por aí já se esboça como será preciso desvincular o **fato-igreja** de qualquer enfeudamento necessário a uma estrutura sacralizada e sacralizante, conce-

bida e vivida como uma esfera separada daquele autêntico existir humano que se transfigura realmente "**exversistir**" divino (**exversistir** = modo de ser **comunhão**; derivado de si — **ex** —, e voltado — **versus** — para o outro). E aqui está o núcleo de maior interesse para uma redescoberta ou re-invenção do movimento iniciado por Abraão em Israel, prolongado por Moisés, e transfigurado por Jesus.

A superação do existir humano atual pela **maneira-Deus** está de fato acontecendo, progressivamente, na História. E acontece ou pode acontecer com ou sem a contribuição das cristalizações culturais caracterizadas como **religiões**. E, de acordo com certas dominantes históricas, pode o **fato-igreja** acontecer apesar das religiões e até contra elas. Por isso mesmo, pode-se dizer que nem sempre acontece

igreja onde mais se pretende usurpar tal denominação. Ao contrário, muitas vezes e de vários modos, ela veio acontecendo onde mais se fugiu dos seus quadros vigentes.



Caminhemos agora um pouco mais concretamente.

Sendo Igreja um modo especial de existirem os homens, uns em comunhão com os outros à maneira-Deus, modo de EX-VERSISTÊNCIA cujo protótipo vêem os cristãos em Cristo, o **ato que faz Igreja é o gesto de Amor desinteressado**. Existe, portanto, igreja, ou melhor, convivem os homens **em-igreja** todas as vezes que se encontram realmente, em colaboração desinteressada, para atenderem responsavelmente a um apelo da realidade. O que pode acontecer em qualquer empresa humana onde se necessite, **livremente**, da presença do Amor desinteressado.

Isto é muito importante. Porque nos faz lembrar a parábola do herege ou do heterodoxo que Jesus descreveu, em contraste com dois membros do clero do seu tempo, como o **próximo** do homem semimorto, assaltado quando descia de Jerusalém em direção a Jericó (Lc. 10.25-37). Como também nos faz lembrar as palavras de Jesus à mulher samaritana, quando disse: "Deus é espírito, e os seus adoradores devem adorá-lo em espírito e verdade" (6). Pois se poderia dizer também: Igreja é um acontecimento do Espírito, e os seus membros devem realizá-la em espírito e verdade. Seríamos tentados até a dizer com o mesmo Jesus: A hora virá, e já chegou, em que não será nem em Jerusalém nem em Samaria, nem na Igreja Romana, nem na Anglicana, nem na Congregação Batista, nem na Pentecostal em que se verificará autêntica e ex-

clusivamente o fato-igreja, de verdade, como acontecimento de salvação dos homens.



Se é válida nossa reflexão até agora, existe portanto Igreja vivida e convivida entre os homens em vários níveis possíveis de auto-conscientização. Mas nem sempre a mais auto-conscientizada na pretensão de ser igreja, é de fato, realmente, a mais autêntica. Acontece aqui também, muitas vezes, o que em verdade acontecia quando destas palavras de Jesus: "Os escribas e fariseus ocupam a cátedra de Moisés. Observai e fazei tudo o que eles dizem, mas não façais como eles, porque dizem e não fazem..." (Mt. 23.2,3). Daí porque é necessário situar na linha do espírito e da verdade a significação do **fato-igreja**.

Não podemos, portanto, confundir Igreja com aquilo que certos teólogos chamam de **igreja** em expressões como: "Fora da Igreja não há salvação"; "A Igreja no mundo de hoje"; "A Igreja e a salvação do mundo"; etc. Porque em tal forma de linguagem, Igreja quase sempre é tomada no sentido de um clã determinado, separado religiosamente do restante dos homens. Ora, muitas vezes, pode haver mais "igreja" no que eles chamariam "mundo", como, de outro lado, bem mais "mundo" no que ainda chamariam "igreja".

Por tudo isto, valeria a pena refletir com cuidado porque Igreja só existe e acontece onde há convivência amorosa de pobres, de mansos, de aflitos, de famintos da justiça, de misericordiosos, de puros no coração, de pacificadores e de preseguidos por amor da justiça. Há, portanto, um grande equívoco naqueles que pretendem localizar e aprisionar a **maneira-Deus** dentro do muro de uma cidadela

**Não é lícito dizer: "Fora da Igreja não há salvação!" Mas é válido dizer:
"Fora de Igreja não há salvação."**

bem delimitada. Porque significa tentar "domesticar" o Espírito de Deus.



A progressiva e total salvação do homem dependerá da sua introdução experimental na atmosfera da **maneira-Deus**. Entretanto, não se poderia apontar ainda o **local exclusivo** desse modo de ser, nem aqui nem acolá. Seria gerar uma Babel de equívocos, como algumas vezes ocorreu na história do Cristianismo.

Mais claramente: não é lícito dizer que "fora da Igreja não há salvação", mas é absolutamente válido dizer que "fora de Igreja não há salvação". No primeiro caso, Igreja tem um sentido ora de **instituições eclesiásticas**, ora de **instituição eclesial** considerada como **corpo** substancialmente separado do contexto do mundo. No segundo caso, o que se pretende dizer é que "fora de comunidade", fora da **maneira-Deus** de que falamos, não há outro modo de sobrevivência para a humanidade. Porque toda salvação ou libertação da presente realidade humana depende exclusivamente do seguinte: da **mutação das relações humanas em relações divinas**. E isto só pode acontecer quando dois ou três homens começam a se relacionar **em-Igreja**. Igreja, portanto, é o **modo único futuro**, capaz de sobrevivência e de indefectível perenidade, das **relações humanas**. Tudo mais está condenado a perecer.

Ora, viver plena ou só inicialmente em relações divinas, vi-

ver dentro do **modo único futuro e imperecível das relações humanas**, é uma espécie de **relâmpago** que se rasga de repente no coração da matéria deste mundo. Vindo do Oriente e iluminando todo o Ocidente, esse relâmpago é desconcertante. Pode acontecer, e já está acontecendo, em pólos completamente alheios às instituições religiosas estabelecidas. Pois, "o vento sopra onde quer; ouve-lhe o ruído, mas não sabes donde vem, nem para onde vai." "Porque, como o relâmpago parte do Oriente e ilumina até o Ocidente, assim será a vinda do FILHO DO HOMEM."

4. A TAREFA DAS IGREJAS INSTITUCIONALIZADAS

Mas — perguntaria alguém — qual a função das igrejas institucionalizadas? Por que então as Igrejas? Por que as diversas organizações religiosos? Por que tantas "confissões" e "denominações" eclesiásticas? Não teriam sentido? Estariam abolidas? Foram um mero contrassenso? uma equivocação absoluta?

De maneira nenhuma. A função e o papel das igrejas institucionalizadas são necessários. Imprescindíveis. Trata-se de uma função pedagógica. Educativa. Trata-se de um papel de conscientização. Despertador.

No cristianismo, a razão da existência de instituições eclesiásticas sempre foi e ainda é uma **razão provisória**. As instituições religiosas, tais quais as conhecemos hoje, foram um **complemento ajuntado** em vista da imaturidade espiritual vigente em nossas relações huma-

nas. Assim, a existência de tais instituições é necessária na medida mesma em que é preciso proteger a mensagem do Espírito e, de certo modo, salvaguardá-la da raiva inconsequente de "porcos e cães" (Mt. 7.6). De uma forma ou de outra, toda a humanidade se revelou como uma **raça pré-histórica** em relação ao Espírito. Neste sentido, somos todos, ou quase todos como "simios que se fingem de homens" (S. Cirilo). Entesourar e salvaguardar, dentro de vicissitudes históricas que nos causam hoje admiração e espanto, entesourar e salvaguardar a **Mensagem do Espírito** até que todos os homens se capacitem de sua necessidade — eis a inalienável função das Igrejas Institucionalizadas. Pois, "enquanto o herdeiro é menor, em nada difere do escravo, ainda que seja senhor de tudo; mas está sob tutores e administradores, até ao tempo determinado por seu pai." (7)

★

Podemos dizer que as Igrejas Institucionalizadas estão para o Espírito, assim como a **instituição matrimonial** está para o **Amor** entre os homens. É uma certa proteção contra a imaturidade dos amantes. Os dois grandes obstáculos para o desabrochar da **maneira-Deus** entre os homens são o **medo** dos escravizadores e dos escravizados, e a **tendência à prostituição**. Mas, como acontece na instituição matrimonial, as instituições eclesiásias de si mesmas, enquanto **instituições**, nem são capazes de libertar os esposos do medo nem de evitar neles completamente a prostituição.

Também caberia falar sobre a **importância e necessidade das heresias** (8), que são como **desquesites e separações**. Por causa da tentação permanente de enfeudar dogmaticamente o Espírito dentro de um certo partido ou "igreja" determinada.

★

A Igreja ou as igrejas, como instituições sagradas e sacrificadoras, foram e serão ainda (pelo tempo que for necessário) como o "sinal" de Alguém que está comprando ou conquistando o Mundo a prestaçāo. Economicamente. Deus, aquele que conquista, só faz economia dos seus dons quando está em jogo a Liberdade. É um perfeito amante, paciente, persistente.

Mediante as igrejas, dentro da História, o sinal continua presente. Nunca, um mês sequer, esqueceu o Senhor de enviar as parcelas com que está comprando o vestido e o véu da noiva. A sua noiva, sim, ou seja, esta humanidade miseranda, filha de um amorreu e de um hitita, cujo cordão umbelical no dia do seu nascimento ainda não foi cortado, e que precisa ainda de água para se banhar, de sal para se untar e de paninhos para se enfaixar. Neste dia em que ainda está nascendo, se expõe no meio dos sertões, banhada do seu próprio sangue, nua, inteiramente nua. Depois — oráculo do Senhor Javé — "passando junto de ti, verifiquei que já havia chegado o teu tempo, o tempo dos amores. Estendi sobre ti o pano do meu manto, cobri tua nudez: depois fiz contigo uma aliança ligando-me a ti pelo juramento, e tu me pertenceste. Então eu te mergulhei n'água para limpar o sangue de que estavas coberta, e te ubgi com óleo. Eu te vesti de tecidos bordados, calcei-te com sapatos de pele de delfim, cingi-te com um cinto de fino linho e um véu de seda... Tu, porém, te fiasse na beleza, aproveitaste da tua fama para te prostituir e oferecer tua lascivia a quantos vinham e aos quais tens pertencido." (9)

Assim, portanto, a Igreja, no sentido antigo, como **sagrada**, é o **sinal** de Deus nas suas propostas econômicas do Espírito ao Mundo. Mas, sobretudo agora, é preciso ver e entender co-

**A Igreja ou as igrejas serão como o sinal de
Alguém que está conquistando o Mundo
a prestação. Um mês sequer esqueceu o
Senhor de enviar as parcelas com que está
comprando o vestido e o véu da noiva.**

mo se dá a CONVERGÊNCIA da ação do mesmo e único Espírito na Igreja sagrada e no Mundo, considerado por ela profano.

5. CONVERGÊNCIA DO ESPÍRITO: NA IGREJA E NO MUNDO

A Igreja-no-Espírito já está sendo suscitada, desde sempre, no Mundo, embora não se conscientizando deste seu ser-igreja pelo e no Espírito Santo. Esta sua conscientização vai depender da tarefa evangelizadora das Igrejas institucionais.

Para assumir a tarefa evangelizadora de auto-conscientização do Mundo do seu ser-igreja, importa à Igreja institucionalizada reencontrar o espírito do seu próprio CREDO quando confessa e anuncia: "Creio no Espírito Santo que atualiza a Santa Igreja Católica, a comunhão dos santos, a remissão dos pecados, a ressurreição da carne e a vida eterna." A única fé expressa em tudo isto é a fé no ESPÍRITO. Por isso modificamos um pouco a maneira de apresentação habitual. Pois os verdadeiros cristãos não crêem na Igreja: põem sua FÉ EM Jesus Cristo. NO seu Pai e NO Espírito Santo. E, só em consequência, dão seu crédito à Igreja. Agostinho já vira isto muito bem: *credere Ecclesiam e não credere in Ecclesiam*, no mesmo nível em que se diz *credere in Deum Patrem Omnipotentem* (seria desvirtuar o espírito de nossa fé). Uma vez absolutizada, a Fé decompõe a Igreja; mas uma Igreja absolutizada, hipostasiada, põe em tutela a Fé. (6)

Podemos dizer, também, em plena lucidez, que estes artigos do CREDO necessitam de expli- citação segundo a luz dos acontecimentos atuais. Traduzindo-se para os homens de nossa cultura secular, eles poderão soar e ressoar mais ou menos assim: "Creio no Espírito, envia- ão como primeiro dom aos homens de fé para santificar todas as coisas, levando à plenitude a Criação". Ou, por outra: "Creio no Espírito, vitalizador, que pre- side à evolução de tudo para a divinização do Mundo."



A tarefa evangelizadora das Igrejas institucionalizadas só se poderá fazer no dia em que elas permitirem de fato sua reelaboração institucional a partir do LEIGO ADULTO, PROFÉTICO, NÃO-CLERICALIZADO. Isto é: à medida que seu clero morrer, deixando-se questionar e con- verter pelo ministério do profetismo leigo. Pois enquanto as igrejas não tiverem a coragem de fazer isto, morrerão necessariamente de inanição. Por isso Paulo dizia à igreja dos tessalônices: "Não extingais o Espírito. Não desprezeis as profecias. Examinai tudo. Retende o que for bom" (11).

O profetismo de tipo, se quisermos, secular, será o traço de união que fará as riquezas do Espírito que age no Mundo, encontrarem-se e plenificarem-se com as riquezas do Espírito es- condidas e guardadas no inter- rior (sagrado) das Igrejas.

Há, portanto, uma dupla e re- cíproca conscientização (convergente) a ser urgentemente executada. A saber: a auto-

conscientização do mundo a respeito do **significado cristico** de suas alegrias e tristezas, angústias e esperanças. E, de outro lado, a autoconscientização das igrejas tradicionais a respeito do **significado cósmico** de suas riquezas e preocupações interiores. Tudo isto em função do REINO DE DEUS que transcende a Igreja, como também transcende muito mais o Mundo.

E Espírito que age no Mundo é maior do que a Igreja e as igrejas. Por isso, há também uma **mensagem** continua que converge do mundo para a Igreja. O Espírito que atualiza a Igreja é maior que todo o Mundo. E assim, há uma **mensagem** guardada na Igreja em função do sentido último do Mundo. Uma mensagem, tanto quanto a outra, só se iluminará quando em confronto permanente e recíproco mediante a vivência e a percepção de pessoas capazes de relacionar as duas. Percebe-se aqui o sentido profundo da expressão de Teilhard du Chardin, quando disse: "Creio no mundo". Embora ressalvada a não-justeza da locução, o que ele queria dizer no fundo era o seguinte: "Creio no Espírito, cuja energia age no mundo."

6. O FUTURO DE IGREJA

A **Igreja-no-Espírito**, como único modo futuro e imperecível das relações humanas, já está sendo, hoje mais do que nunca, suscitada no Mundo. Se bem que, como dissemos, isto acontece sem autoconscientização do seu **ser-no-Espírito**. O que é extremamente arriscado. Porque poderá esgotar-se. É dos membros das igrejas tradicionais que se espera a plenificação das esperanças dos construtores do Mundo. Onde estão eles?...

Aliás, o mesmo ocorreu, análogamente, com a primitiva igreja dos discípulos de Jesus.

Em relação à autocompreensão de si mesma como **Israel-no-Espírito**, isto só se deu claramente algum tempo depois de já ter **acontecido**... "O novo Israel, o novo Povo de Deus, já estava fundado como tal, se bem que ainda não se qualificasse a si mesmo como tal" (7). Sendo assim, o **PLENO ISRAEL** que, pouco a pouco, acontece no Mundo inteiro e nos lugares mais inesperados, só se dará em plenitude consciente pela convergência do Novo Israel de Jesus com a totalidade do Mundo, onde também trabalha o Espírito para fazê-lo do Reino.

Trata-se agora do profetismo leigo — tal como ocorreu com a pregação dos apóstolos de Jesus em relação aos judeus — fazer com que os cristãos eclesiásticos — clero e leigos clericalizados — levem de fato a sério suas igrejas. Isto significa: que as tornem eficazes e eficientes na sua verdadeira e autêntica significação, no sentido de convergirem todas para o MUNDO a fim de fazê-lo, onde já se faz possível, despertar conscientemente como **criatura** (que é) do **Espírito**.

O Espírito não abandona as Igrejas institucionalizadas. Só pretende levá-las **inteiramente** a sério.

◆

Paulo de Tarso anunciou aos nagões — os não-membros do Povo de Israel — a reconciliação de JUDEUS e GENTIOS num só CORPO: O CORPO DO CRISTO RESSUSCITADO. Os novos paulos, os cristãos fiéis a Jesus Cristo e doados à construção do Mundo, irão anunciar dentro das estruturas seculares deste mesmo Mundo sua TOTAL E ALVISSAREIRA RECONCILIAÇÃO com as EXPECTATIVAS E ESPERANÇAS tanto tempo pregadas numa linguagem sagrada pelas Igrejas cristãs. Esta reconciliação se dará na medida

em que a Igreja e Mundo convergirem na busca permanente do REINO FUTURO. Reino que será totalmente de Cristo e do seu Pai, na unidade do Espírito Santo. E assim, é preciso que os cristãos anunciem e testemunhem o advento do Reino. Reino que nem será deste Mundo, embora neste mundo já se manifeste; nem será das igrejas, embora por elas e nelas deva ser anunciado e prefigurado.

7. NA UNIDADE DO ESPIRITO SANTO

Eis como se realizará progressivamente a **maneira-Deus** da qual estivemos falando. Pois, na **unidade do Espírito Santo** é o mesmo que se dissermos: **em-igreja**.

O Espírito, ninguém tem a segurança de senti-lo, singularmente, isoladamente. É **em-igreja** que ele se manifesta e fala. À maneira-igreja, portanto, é que se doa sempre o Espírito de Deus entre os homens. A **maneira-Igreja** é, por isso, aquela em que, estamos certos, se revela o Espírito do Senhor. Pois só através das relações humanas em transformação é que vai se expondo, se consolidando e entendendo a **GRANDE LIN-**

GUAGEM — viva em ação, poder e significação — do Criador do Mundo.

Do Espírito, também, ninguém é dono. Se o quisermos conhecer, se nele pretendermos estar e nos mover, importa que vivamos lealmente, em espírito e verdade, a **maneira-Deus**. Isto é: **em-igreja ou na unidade do Espírito Santo**. Ora, o único modelo perfeito e definitivo desta unidade, ninguém ainda o conhece porque ninguém jamais viu. Porque se trata da própria **UNIDADE DA COMUNIDADE DIVINA: PAI — FILHO — ESPÍRITO SANTO**. Por enquanto, a tarefa infinita dos homens é pesquisar, viver e recriar de formas sempre novas esta **UNIDADE BUSCADA**, num **FUTURO ABSOLUTO**.

O modelo absoluto nos é, portanto, ainda desconhecido e encoberto. Pois é a própria **CONSUMAÇÃO**, para a qual tende, profunda e radicalmente, o **SER-IGREJA**. “Sede perfeitos como o vosso Pai celestial é perfeito”. Esta unidade, como se vê, é a unidade básica do **AMOR**. Amor oblativo de si mesmo e de tudo o que se é.



NOTAS

- (1) Gálatas 4.21-31.
- (2) Küng, Hans, *L'Église*, Desclée de Brouwer, 1968, pág. 24.
- (3) Lucas 24.25-27.
- (4) Reis, Encarnação, Igreja sem Cristianismo ou Cristianismo sem Igreja? Moraes Editores, Lisboa-Rio, 1969, pág. 181.
- (5) Pessoa, Fernando, *Obra Poética*, Comp. Aguilar Editora, Rio, 1965, Poesia n. 518, pág. 408.
- (6) João 4.24.
- (7) Gálatas 4.1ss.
- (8) 1 Coríntios 11.19.
- (9) Ezequiel 16. Valeria e pena ier todo o capítulo.
- (10) Küng, Hans, *Die Kirche*, cit. por Encarnação Reis, op. cit., pág. 170.
- (11) 1 Tessalonicenses 5.19-21.
- (12) Küng, Hans, *L'Église*, Desclée de Brouwer, 1968, pág. 162.



CATÓLICOS PENTECOSTAIS NOS ESTADOS UNIDOS

Este artigo é um resumo da segunda parte do trabalho "UM FENÔMENO DE RESSACRALIZAÇÃO NA SOCIEDADE INDUSTRIAL AVANÇADA? — CATÓLICOS PENTECOSTAIS E OUTROS CARISMÁTICOS NOS ESTADOS UNIDOS" publicado pela Revista ATUALIZAÇÃO, B. Horizonte (MG), número 32, agosto, 1972, pp. 341 a 361, de autoria de Antônio Abreu.

1. Introdução

O Movimento Pentecostal Católico (MPC) nasceu de grupos independentes de oração e meditação da Bíblia. Houve contágio. Grupos de oração e estudo visitavam pessoas e começavam a receber o "Batismo do Espírito".

O MPC começou na Duquesne University, Pittsburg (1967), onde o grupo pediu a Deus dons carismáticos. De lá passou a Notre Dame e Ann Arbor. Esta primeira fase foi a "fase-campus".

A resistência, que sempre favorece tais movimentos, se deu no "Caso Potomac". O arcebispo de Washington proibiu as reuniões de grupos nos prédios paroquiais de Our Lady of Mery em Potomac e transferiu o pároco P. Cahill. Era o fim da segunda fase fora do campus e até da Igreja.

Os pentecostais católicos (PC) descobrem que o movimento para ser válido deve desenvolver a fidelidade à igreja visível e levá-la à construção do Corpo Místico de Cristo.

Esta é a terceira fase, a fase pastoral. Formam-se comuni-

dades nos lares em que os PC partilham em comum o que têm. Dedicam-se à difusão do Evangelho, ao reafervoramento dos cristãos na oração (especialmente na participação litúrgica), à recuperação de toxicômanos e desajustados.

Muitos grupos falharam. Restaram os que eram fortes para fazerem o MPC crescer. As causas das falhas foram:

(a) **Pseudo-ecumenismo**: Em polgados, aderiram às Assembleias de Deus e ao literalismo bíblico e ao emocionalismo. Terminaram por deixar a Igreja Católica porque, se os protestantes estivessem errados, Deus não os abençoaria.

(b) **"Curtição mística"**: Embora irreverente, a expressão serve para caracterizar a busca de sensações novas e excitantes que remedeiam o tédio, mas que são experiências rapidamente declinantes.

(c) **Falta de generosidade**: Este motivo de fracasso os próprios PC reconhecem. Os grupos buscavam auto-satisfação e não estavam dispostos a dar de si mesmos na tarefa de fazer algo pela Igreja. Além do impacto sociológico desagregador, essa falta de generosidade bloqueava a ação do Espírito Santo.

(d) **Atitudes da Hierarquia**: Uns bispos ficavam reservados, outros hostilizavam os PC. As teorias hierárquicas eram: a oração ou é litúrgica, seu lugar é a paróquia, sua forma obedece a rubricas; ou é particular; fora da Igreja não há salvação, i. é. não há graças; se a renovação viesse de Deus, seria através da Hierarquia. Alegavam ainda que os PC não erguiam sequer uma escola paroquial, igreja, centro paroquial, hospital.

2. Os pentecostais católicos na igreja: papel e relação

Os PC dizem que o seu movimento é resposta de Deus a uma crise de fé, que lavra na Igreja. Haja vista a exemplos de ex-religiosos para os quais Deus e Cristo contavam pouco. Outros, leigos, revelaram-se em ações pessoais naturais, onde não se via fé pessoal em Deus como Pai. Para alguns os sacramentos não são vida. Alegam que estes ainda não foram "fermentados" pela fé.

Um cristianismo homeopático, racionalizado nos sermões, não leva os cristãos a reagirem à Palavra de Deus. Para converter-lhos é preciso ação "chocante" do Espírito Santo. Assim o papel dos MPC seria levar pessoas a se "transfementarem" e se tornarem fermento na Igreja. Uma fé que não invada toda vida é aceitação do amor de Deus como algo óbvio e "tranquilo". Pelo reavivamento do nosso amor (dom de Deus) é que se toma consciência do quanto é gratuito o amor de Deus.

Os PC observam que os capítulos 12 e 14 (1 Coríntios) sobre os dons, escutam o 13 sobre o amor (caridade). Para renovarmos nossa fé e amor é preciso abrir-nos à ação de Deus, renovando a nossa oração. Isto os MPC desejam oferecer à Igreja.

A atitude básica é servir à Igreja em paz e alegria. Estas duas palavras ("peace and joy") vivenciadas revelam neles algo diferente.

A atitude de paz permanece diante de pastores benévolos (que dizem: o importante não

são os dons, mas o fruto, a renovação da vida cristã) que os PC endossam; e diante dos que atacam, ridicularizam, mesmo quando a hostilidade vem de uma visão eclesiológica que não assimilou o espírito do Vaticano II.

OS PC não se consideram "cristãos de elite", mas pobres e necessitados de ajuda. Daí Deus os levar à ação diante do materialismo, ausência de comunicação, tibieza da Igreja Institucional. Acreditam que devem repetir a trajetória difícil da renovação litúrgica e bíblica que empolgou a comunidade católica anos atrás. O MPC desaparecerá, deixando na Igreja as marcas da oração que o Espírito quer dar.

3. Os pentecostais católicos e os protestantes

O MPC representa uma ponta-de-lança ecumênica nos Estados Unidos. O diálogo católico-protestante tem permanecido em nível de pioneiros e não muito bem visto pela Igreja Institucional.

O Movimento recebeu forte influência de "The Cross and the Switchblade" (A Cruz e o Punhal), cujo autor é ministro da Assembléia de Deus. Desenvolvendo-se, as comunidades PC atraíram os "neo-pentecostais" (episcopais, luteranos, presbiterianos, metodistas e outros que não sendo pentecostais "tradicionais" aderiram ao movimento e formaram outro semelhante).

Desde Ann Arbor os PC foram acompanhados por neo-pentecostais. O convívio no lar-co-

munidade, a oração comum, a reflexão bíblica sobre a Aliança de irmãos no contexto da Aliança com Deus, a atividade cunitária de serviço, interpenetração na vida religiosa de cada um, se criam problemas, criam também perspectivas de diálogo, inimaginável há alguns anos.

Alguns aspectos desse diálogo são:

(a) A casualidade principal de Deus que os protestantes enfatizam, querendo ver nos católicos a preocupação com as coisas materiais (será falta de fé?). O católico acha que o protestante "empurra" tudo para Deus.

(b) A esperança escatológica (protestante) frente ao relativo engajamento católico. O PC choca o protestante que pensa que a guerra, a paz, o recrutamento, o racismo não são preocupações dos consagrados.

(c) A hinologia pentecostal (das seitas) é mais subjetiva e pietista, enquanto que o PC prefere louvores alegres e ritmos idem.

(d) Os pentecostais tradicionais enfatizam a Bíblia (fundamentalismo literalista) intocável. Os neo-pentecostais, na "grande comunidade cristã", dirigida pelo Espírito Santo, se aproximam dos católicos.

(e) A tradição anti-intelectual não é alinhada pelos neo-pentecostais e pelos PC.

(f) A liderança nas seitas é personalista, enquanto que entre os PC e neo-PC é colegiada.

4. Grupo de oração

O tamanho dos grupos varia de acordo com a localização, antigüidade etc. O "número mo-

dal" é de cerca de 25. Embora iniciados em ambiente universitário, os grupos de oração se fazem "inter-classe". No caso de comunidades grandes que se dividem, podem-se ter accidentalmente classes homogêneas, mas que se encontram às vezes para maior conhecimento.

O encontro de oração não é fim mas instrumento que deve servir ao aprofundamento da vida eucarística. A validade dos grupos é testada quando os faz voltarem-se para a vida paroquial.

A construção do Corpo Místico de Cristo e o culto de louvor são finalidades dos encontros. Para isso o reafervoramento tem que ser comunitário. Os membros precisam sentir-se em comunidade e não como indivíduos. Daí a continuidade através de contatos e convivência também fora do encontro.

A liderança deve ser aberta ao Espírito Santo e coordenar iniciativas mais do que determinar ações. O encontro ideal terá crescido em afetão mútua e sincera, sem adulgações e sem intrigas. Paz e alegria em tudo. Para isso contribui o canto alegre e espontâneo, ritmado e de conteúdo. A liderança é calma sem se prender a programas detalhados.

A petição (intenções espirituais e materiais) está presente no encontro. O grupo grande se divide para que todos conheçam as petições de uns e outros e as assumam.

Na "oração por texto", todos rezam silenciosamente, e, à medida que cada um se sente impulsionado, vai lendo o texto que lhe ocorreu. Freqüentemente se forma um tema comum.

Vejamos algumas diagnoses e receitas de líderes a respeito de problemas em encontros de oração:

(a) Algo está errado num grupo que, por muito tempo, está voltado para problemas internos, apesar de línguas e profecias.

(b) Nada de publicidade para os encontros.

(c) As reuniões desanimadas são consequência de os participantes estarem negando algo a Deus. Impõe-se a autocritica e a oração a Deus para que ele mostre o que quer.

(d) Quando aparece muito debate exegético é que falta espírito de oração. Deve-se orar melhor.

(e) A liderança e os compo-debates devem agir caridosa-mente com as pessoas-problemas que sempre aparecem ,evitar que tomem o controle do grupo ou da reunião. O grupo deve orar por eles.

Muita oração e penitência para solucionar problemas como esses se pede dos líderes.

5. Comunidade, lar, vida comum

Dos encontros nasceram gru-pos que sentiram urgência de ação. Disto brotaram a unidade e a continuidade. Naturalmen-te, e sem plano, pequenos contingentes passaram a viver jun-tos. Jovens, em Ann Arbor inicialmente (2/3 da comunida-de, estudantes; 1/3 da cidade, populaçāo estudantil), alugavam uma casa e formavam um "lar". Quando o "lar" estruturado se revelava grande demais, era re-conhecido como unidade básica.

Os membros de um “lar” fazem uma Aliança que varia de acordo com a finalidade a que se propõem (lares contemplativos, por exemplo, usam o tempo livre para a oração). Tal Aliança fraternal é vinculada com a Aliança a que o Pai nos chama como povo. A Aliança de cada “lar” é reexaminada mensalmente à luz da experiência iluminada pela oração.

Há lares de rapazes e moças. Há famílias que aderem ao MPC e constituem “lar” onde hospedam irmãos. Há testemunhos da bênção que representou o fato de uma “casa onde moravam indivíduos do mesmo sobrenome” que passou a “lar”. Num “lar” tudo é comum. Pessoas trabalham meio tempo para dedicarem a outra parte ao apostolado ou à contemplação. Decidem isto em comum, pela oração.

Casar-se é decisão tomada à luz da experiência da comunidade. Pela oração, jejum e penitência, se preparam para a execução e, casados, pertencem mais e não menos à comunidade.

Na comunidade o amor não é cegueira para com os defeitos do outro, mas ajuda honesta, paciente e alegre à auto-superação.

O sentido de estruturação houve em Ann Arbor. Estruturação segundo as necessidades que surgiam. A idéia de estar construindo o Corpo de Cristo rege toda decisão organizatória. O mínimo de controle institucional.

No lar a direção se reveza. Decisões em comum. Nos setores há “coordenadores” e “servidores”. Presbíteros e diáconos

não se atribuem poder sacramental quando portadores de responsabilidades.

O “servo” (“servant”) e a “serva” (“handmaid”) cuidam de problemas materiais e assistenciais. O coordenador cuida de seu setor, adverte os que erram. A maior parte de seu trabalho consiste em pequenos serviços: local de conferências, lanches de grupos, músicos para tocarem nas missas, preparo de listas de cantos.

Liderança é serviço. A comunidade em oração escolhe (ou às vezes elege) o coordenador e líder. A grande finalidade que esperam dele ou do “servo” é fidelidade. Todos participam e leva-se muito a sério a lealdade de todos.

6. Teologia e exegese

Reina no MPC grande apreço pela reflexão teológica e sobre-tudo pela fermentação pós-vaticana.

Alguns pontos periféricos da Teologia do MPC.

(a) A diferença entre ser e não ser cristão está na relação pessoal com Cristo. Em Jesus Cristo, Deus se revela como Pai, ama cada um e tem um plano para cada um. Testemunhar que Deus é amor, está no plano do próprio Deus. Atitudes e ações são dados do testemunho, e também o louvor. O não-cristão pode irradiar fraternidade mas não sabe louvar. Pelos sacramentos e pela unção do Espírito nos assimilamos a Jesus no afã de revelar e louvar o Pai.

(b) Pelo Espírito em nós adquirimos a liberdade de fazer o bem. O que é puramente humano tende a afastar de Deus

e é mau. Deus nos chama para nos esforçarmos por tornar melhor o mundo, mas sabendo que o que fazemos é transitório e ambíguo. O progresso e a evolução devem ser olhados com reserva; a realidade revelada é a luta constante que se resolve com a intervenção de Deus.

(c) As mulheres devem ser submissas (diz Paulo), porque devem ser guiadas. A falta de amor gera o problema racial e não a desigualdade. Os povos diferentes, Deus os quer assim porque têm missões diferentes, como as pessoas. Diante de Deus não há povo melhor, nem pior ("... judeu nem grego"). A solução das tensões virá quando todos se reconhecerem como pessoas e irmãos.

(d) A Aliança é a mão de Deus estendida sobre nós. Ela explica a nossa relação com Deus e com o próximo. Perante nossa recusa de amor e de fidelidade. Deus nos oferece a sua Aliança ao nível de Jesus Cristo. A Aliança torna efetiva a Comunidade. Das tribos fez um povo, da "patota", um "lar". Nessa Aliança o matrimônio é indissolúvel, a "sphragis" do batismo e o "character" sacerdotal são indeléveis.

7. O Batismo no Espírito

O "Batismo no Espírito" é vivência, experiência de conversão, de paz e de alegria; não é "dado" definitivamente, pode-se perder. Não é sacramento. Chamam-no de batismo porque assim o faz o Novo Testamento. Vêem ligação íntima entre os dois batismos, o sacramento e a vivência no Espírito. Afiram, no entanto, que Deus, às vezes, concede o dom antes do sacramento (centurião Cornélio).

Pelo "Batismo no Espírito" se manifesta a unidade na vida de oração e de piedade. Passa a haver "vida" de oração; vive-se o calendário litúrgico e a piedade individual é inserida na oração da Igreja.

Na atividade pessoal há reorganização de certas prioridades. Pessoas se desprendem dos bens materiais. Não excluem o desejo de se mortificarem e de se igualarem aos pobres. Outros se decidem pelo celibato e admitem que o fizeram para maior liberdade na pregação. Porém, num e noutro caso, o elemento decisivo foi o de se identificarem com Cristo.

Objeções são feitas por padres e religiosos a esta mística do "Batismo no Espírito". Segundo eles não há distinção entre os frutos que os PC alegam e os que a Igreja atribui à Confirmação. E, ao rezar "sobre" outro para lhe obter o "Batismo no Espírito", os PC (dizem os críticos) estão admitindo que há sacramento.

A opção de pobreza (ainda os críticos) é ingratidão para com Deus, porque recusam dons, os bens materiais. Implica uma crítica velada aos que se sacrificam para obter e garantir conforto para a família. Por outro lado, o Evangelho louva os pobres de **espírito** e não a pobreza efetiva. (Os PC não se incomodam de ser usados para sacudir os que buscam conforto e **status**.)

Segundo os críticos, o compromisso de pobreza e castidade na Igreja sempre foi: (a) perpétuo; (b) reconhecido pela Hierarquia; (c) feito numa comunidade que, inteira, os pratica. Ora, os PC se decidem a vivê-los: (a)

sem compromisso de eternos; (b) sem o reconhecimento da Hierarquia; (c) em comunidade de pessoas casadas. Respondem os PC que a semelhança de vocações não implica necessariamente **uniformidade**.

Noutro lado (os mesmos críticos) o "Batismo no Espírito" é terapia emocional, catarse que os PC adotam por causa de sentimentos reprimidos, vida competitiva e solitária na universidade etc. A superação desses problemas que alegam os "batizados no Espírito", corrobora tal interpretação..

As respostas dos PC vão nas seguintes linhas:

(a) Certamente pessoas desequilibradas confundem transe emocional com ação do Espírito.

(b) O ambiente dos encontros de oração é distenso e bem-humorado. Não há quem consiga ter ataque religioso-histérico no meio de uma turma sentada no tapete, comendo pipocas.

(c) Os cantos de ritmo alegre "interrompem" o encontro e não contribuem para "emocionalizá-lo".

(d) O pessoal que vem aos encontros é amostra bastante aleatória da população americana. Uma explicação baseada na tensão do campus é insuficiente.

Os PC chamam a atenção para a recomendação paulina de que os cristãos desejem **seriamente** os dons especiais do Espírito; eles trazem incômodo para o detentor. Tais dons, observam (1 Co 12 e 14) são **equipamento** para servir melhor à comunidade. O amor-caridade não é um dom no sentido de **equipamento**. Os PC distinguem os sete dons do Espírito Santo para fortalecimento e crescimento pessoal (sabedoria, inte-

ligência, ciência, fortaleza, conselho, temor de Deus, piedade) e os nove (1 Co 12) para a construção do Corpo Místico de Cristo. Insistem, porém, que **todo** dom é dado à comunidade através de pessoas.

Os dons não são prêmio ou recompensa nem são dados a pessoas de grau mais avançado.

O dom de línguas é o menos relevantes. Os que o possuem alegam poder controlá-lo. Há sempre quem traduza e, caso contrário, não deveria ser usado. Vezes houve em que pessoa presente identificou a língua (isso não exclui a hipótese de fenômeno parapsicológico). O critério da glossolalia é servir de luz e ânimo para a pessoa crescer em caridade, dedicação, amor à oração. Algumas vezes há cantos em línguas que servem de louvor.

Contrariamente às seitas que julgam a presença de dons especiais (sobretudo glossolalia) como indicador de madureza da comunidade ou como estágio ao qual toda comunidade deve chegar, os PC acham que os verdadeiros critérios são os de Paulo: caridade, paz, alegria, longanimidade, irradiação no ambiente ("que Cristo seja anunciado"). O oposto lhes parece infantilidade espiritual. Isto não os impede de se alegrarem quando eles — ou amigos — recebem dons.

8. Oração e frutos do Batismo no Espírito

O resultado do "Batismo no Espírito" é poder, energia.

Trata-se de testemunhar Cristo, de anunciar a Boa Nova, efetivamente, atuar de forma nova o que se recebeu.

Traz crescimento na oração,

faz crescer os elementos de fé e expectativa. Empresta consciência de indignidade aos "batizados", reconhecimento das limitações e coragem para agir confiado na fidelidade de Deus.

Os PC observam que o Cristianismo surgiu de uma Pessoa (não de doutrinas) com a qual fazemos um relacionamento pessoal. O Ordenador Supremo é Pai e nós, filhos.

A fé nos leva à oração. Esta está para aquela, como andar, dormir, trabalhar, falar, rir estão para a vida.

O cristão médio (observam) raramente pára a fim de agradecer e louvar, dando vida nova às palavras. Os PC se entusiasmam com o "Glória" da Missa. Repetem-no como quem diz que Deus é maravilhoso, espetacular. Gostam de outras rezas que atribuem a autores "batizados".

Acham os PC que sua contribuição pode levar as pessoas a agradecerem e louvarem espontaneamente.

Há tipos que admitem a crença pentecostal no poder de querer ora. Os críticos insinuam que os PC atribuem poder sacramental a ditas orações. Exemplos: "oração sobre alguém" para impetrar o "Batismo no Espírito"; oração "para sarar memórias" (para ajudar alguém a enfrentar e aceitar fatos do passado). Tem-se conseguido que pessoas se integrem em seu passado e se aceitem). Os PC reconhecem relação profunda entre esta oração e o sacramento da penitência, mas observam:

- (a) jamais fizeram da oração substituto do sacramento;
- (b) integrar o passado de pecado é certamente maturidade no arrependimento, mas difere da graça própria da penitência;
- (c) o passado pode ser odioso

por culpa própria, ou alheia, ou sem culpa humana direta.

Outro ponto da oração, questionado, é "colocar um velo perante o Senhor". (Lembrar o caso de Gedeão). Um exemplo entre os PC: "Senhor, se quereis que eu seja catequista, fazei que Debbie me telefone até sábado, insistindo".

Fruto do MPC (do "Batismo no Espírito", segundo os PC) é a abertura para o outro. Superação da competitividade típica americana (o outro é adversário até prova contrária), o ecumenismo que queima etapas e permite vida comum entre jovens que têm visões diferentes de Eu-caristia e Igreja.

Outro critério de uma comunidade madura é: 'Os' pobres são alimentados, os necessitados atendidos".

São reservados os PC quanto a assistência e promoção humana. No entanto lideram um movimento (em Ann Arbor) para se dar a ativistas negros locais uma soma que tais grupos exigiam de cada igreja, como "indenização moral" pelos danos causados pelos estereótipos dos brancos à economia da minoria negra.

Pode-se lançar a questão, se a abertura que procuram ter, não flexibilizará a sua Teologia tão pessimista a respeito do cosmos e da natureza humana.

Fruto do Espírito que particularmente impressiona o observador que conviva com os PC, é que, em todo seu desejo de "arder como uma vela perante o Senhor", em geral não são criaturas tensas. Misturam imprevisivelmente bom humor levemente baderneiro com expressões piedosas, que simplesmente seriam ridículas nos lábios do católico mediano bem comportado.

indicações

JESUS CRISTO LIBERTADOR — Ensaio de Cristologia Crítica para o nosso tempo —
Leonardo Boff, 288 pp. Editora Vozes.
Cr\$ 18,00

Quem é Jesus Cristo hoje, para nós? Onde o encontramos? Que nomes lhe vamos dar?

Este livro quer ser um ensaio cristológico pensado e escrito no horizonte de experiência de fé como é encarado na América Latina. A figura de Cristo que nele se apresenta nasceu de cuidadosos estudos de exegese, história dos dogmas e de antropologia. A humanidade de Cristo especialmente é posta sob luz nova. Foi nessa humanidade e não apesar dela que Deus se manifestou. Por isso Deus não pode ser encontrado fora do Homem-Jesus.

Em Cristo Deus revelou sua face humana e o homem a sua face divina. E nele que descobrimos quem é Deus e quem é o homem. Tal embasamento antropológico permite ao autor aproximar de nossa realidade e de nossos anseios mais fundamentais a figura de Jesus de Nazaré com aquela vivacidade e imediatez que reluz nos Evangelhos.

Por isso essa cristologia nasceu de baixo, das raízes da vida humana e da ânsia de libertação. O Cristo que surge dos vários capítulos deste livro é um ser livre e libertado que chama a todos para uma abertura total de seu ser até à extrapolação em Deus. A sua história é a história do amor de Deus no mundo. Ressuscitado, ele continua a viver no mundo, invisível, mas não ausente; incógnito, mas não inativo; sofrendo, quando os seus irmãos são humilhados; crescen-

do, quando os homens se libertam para si, para os outros e para Deus. Embora tivesse atingido já a meta em Deus, ele continua a esperar e a ter um futuro, porque nós, seus irmãos, ainda não logramos completa libertação e a transfiguração total da nossa realidade, como a logrou ele.

Quem é Jesus de Nazaré? — Um mistério, não um enigma. O enigma desaparece quando conhecido. O mistério, quanto mais é conhecido, mais se abre para o conhecimento e para o fascínio da inteligência e da vida. Assim é Jesus. Tentar defini-lo é definir o próprio autor. Tentar achegar-se ao mistério é deixar-se envolver pela sua profundidade. Só o mistério consola e fala a linguagem inefável do sentido, que se fez carne em Jesus de Nazaré.

Um livro admirável, oportuno, necessário, já em segunda edição.

O BISPO E O PREFEITO (Jean Laffargue. Editions Ouvrières). Em francês.

Será normal que o ministro e a autoridade civil sejam personagens quase semelhantes, notabilidades paralelas e muitas vezes intercambiáveis? que as autoridades religiosas estejam presentes a toda espécie de cerimônias patrióticas e a outras, como recepções, inaugurações, celebrações... na mesma linha que as autoridades civis e militares — enquanto que estes últimos assistam com mais ou menos embaraço a uma missa oficial, a funerais religiosos de um grande deste mundo, ou à dedicação de um novo templo?

E se as relações são polidas, os convites corteses, se uns afirmam que o respeito é devido à autoridade política, e os outros exaltam as "forças espirituais" — sem definir-las — se a "união sagrada" e a "manutenção da ordem" se contaminam reciprocamente, pode-se realmente ficar satisfeito?

Se no Evangelho a autoridade se define pelo serviço — ver o texto do lava-pés — podem-se pôr no mesmo plano autoridades civis, militares e religiosas?

A Igreja deve permanecer — a todo custo — "a amiga de César" — das amiza-

des, a que tem custado mais! — e dar a sua bênção — e a sua caução — à ordem estabelecida que alguns chamariam antes desordem, injustiça e violência estabelecidas?

Ou é preciso separar-se totalmente do mundo e do Estado e se limitar à preocupação do individual, do "religioso", deixando ao Estado o cuidado com o político, o social, o econômico?

Se o silêncio da Igreja é tomado como uma aprovação tácita, as suas palavras mesmo as mais avançadas permanecem as mais das vezes letra morta, palavrório piedoso sem importância. Uns se julgam traídos, outros temem ser "recuperados" e de toda forma permanece a distância entre as declarações e os compromissos de fé!

Tais são as questões que o livro de Jean Laffargue situa. A obra se compõe de notas e observações de tipo anedótico e até mesmo quase folclórico; nela não se trata nada mais nada menos do que dos reais problemas teológicos encontrados no documento do Sinodo de Roma sobre a justiça, partindo de uma análise de situação mais global, da dominação política e econômica.

Mas se o Sinodo afirmou que "a luta pela justiça é uma dimensão implícita da pregação do Evangelho" se reconheceu "a injustiça econômica" a opressão e alienação em que vivem tantos homens, se condenou uma "mentalidade que beatifica a posse" e a "domesticção através da ordem estabelecida da escola e da classe média"... então não se fazem necessários atos de ruptura? O fermento revolucionário do Evangelho não deve anular comportamentos reacionários? O verdadeiro serviço da Igreja não deve ser função crítica, responsabilidade de tipo profético a serviço da paz, da justiça e da dignidade de cada homem, atacado pela violência institucionalizada? As suas relações — inevitáveis — com o Poder não devem ser submissas a uma constante e vigilante autocritica, geradora de tensões necessárias?

E depois de tudo, tais questões são postas somente para a Igreja, o Ministro, a Instituição? Cada um de nós não é bispo de qualquer prefeito, não dá cada um sob uma forma ou outra seu "placet" mais ou menos interessado ou inconsciente à desordem estabelecida? (Denise).

GILBERTO GIL, Philips — 1972

Após um período longo no exterior, onde inclusive gravou um disco, reaparece GG para o público brasileiro. Esse novo LP é a síntese de todo o trabalho musical feito depois de sua volta ao Brasil. As faixas todas excelentes. Destaque principal, o Expresso 2222, música em que ele demonstra toda a sua capacidade de excepcional compositor. (J. Ricardo Ramalho)

OS INCONFIDENTES, Joaquim Pedro de Andrade — Brasil, 1972

Abordando um assunto por demais controvertido na História do Brasil, Joaquim Pedro de Andrade (Macunaima, Padre e a Moça, entre outros) consegue fazer de "Os Inconfidentes", um dos mais fiéis e esclarecedores relatos já conseguidos de um fato histórico tão importante.

Uma de suas preocupações é a de se manter veraz quanto ao acontecimento de modo que o roteiro e os diálogos são todos baseados nos poetas da Inconfidência, em Cecília Meireles e nos autores da época. Os Inconfidentes é um filme para ser visto. (J. Ricardo Ramalho)

ANALISE DO "MODELO" BRASILEIRO, Celso Furtado — Civilização Brasileira, 122 páginas, Cr\$ 15,00

O Autor (professor da Sorbonne) analisa as virtudes e os defeitos do "modelo brasileiro". O livro está dividido em dois ensaios que certamente farão polêmica entre os que se interessam pelo estudo, em profundidade, de tal assunto. No primeiro CF discute as origens, o desenvolvimento e as malformações da industrialização brasileira. No segundo estuda o problema da estrutura agrária brasileira a partir da interação das instituições transplantadas num meio físico que desempenha papel fundamental na formação do quadro estrutural. (J. Ricardo Ramalho)

QUINTETO VIOLADO, Philips
— 1972

Conjunto formado por cinco rapazes baianos apresenta o seu primeiro LP, depois de uma súbita vertiginosa no cenário da música popular brasileira. Lançados por Gilberto Gil ainda este ano, o Q. Violado teve aceitação imediata, devido, principalmente à alta qualidade de sua interpretação. O LP é formado de composições de Luis Gonzaga (Asa Branca, Vozes da Seca, Baião da Garoa), de Zé Dantas (Acauã) e dos próprios integrantes do grupo, destacando-se dentre elas Santana, sem dúvida a faixa de maior beleza.
(J. Ricardo Ramalho)

CADERNOS DO CEAS (Centro de Estudos e Ação Social) — Edições Loyola (Cx. 12.958 — 01000 — São Paulo — SP) — 6 Cadernos anuais, Cr\$ 40,00.

Uma publicação que pretende divulgar e debater os principais problemas sociais da atualidade, especialmente os do Terceiro Mundo.

Um forum para discussões fundamentais do nosso tempo. Como se trata de forum, é publicação aberta a quantos tenham ou queiram prestar uma contribuição significativa para o estudo dos problemas do Homem.

Entre os títulos deste ano (1972) os Cadernos publicaram: Tóxicos: Cultura-juventude-contestação (17); Modelos Latino-americanos (18); Experiências Nordestinas (20); Censo — Nacionalismo (21).

CADERNOS DE TEOLOGIA
(trimestral) — Camacuá, 282 — Buenos Aires, Argentina — US\$ 4,00.

Revista de reflexão teológica em nível acadêmico. É publicada em castelhano sob a supervisão do Instituto Superior Evangélico de Estudos Teológicos. Excelente apresentação que traz, além de bons artigos, uma ótima contribuição entre indicações de livros e artigos das melhores publicações estrangeiras.

CANGACEIROS E FANATICOS,
Rui Facé — Civilização Brasileira, 3.^a edição, 223 páginas, Cr\$ 20,00

O Autor foi escritor que sempre se preocupou com os problemas brasileiros. O livro, agora relançado, aborda de maneira bastante séria a problemática do cangaço e do fanatismo religioso. Para ele esses fenômenos eram formas de reação contra a injusta estrutura social existente, e, com este livro, procura dar maior profundidade à análise daqueles movimentos.
(J. Ricardo Ramalho)

LIBERDADE E FÉ

Tempo e Presença Editora - Cr\$ 15,00

- Alves, Rubem A. — Deus Morreu —
Viva Deus!
Hermenêutica Política do Evangelho.
Moltmann, Jürgen — Indicações para uma
Santa Ana, Júlio — Notas para uma Ética
de Libertação.
Lepargneur, Hubert — A Tolerância cristã
numa Sociedade Pluralista.
Gorgulho, Gilberto — Sacerdócio, Serviço
da Liberdade.

Este livro surgiu do desejo de dar maior expressão ao pensamento de alguns teólogos modernos. São cristãos e pertencem a diferentes confissões religiosas, estão entretanto, dentro de uma mesma linha de pensamento teológico de após Vaticano II. Antes os cristãos estavam mais ou menos divididos por linha vertical: de um lado, os pensadores protestantes e do outro os católicos romanos. A que hoje divide o pensamento cristão é a linha horizontal. Abaixo da linha os conservadores, os fundamentalistas, os defensores das velhas estruturas. Acima, os progressistas e renovadores, que buscam a atualização do pensamento teológico, sem qualquer preocupação com as estruturas e até com muita disposição de derrubá-las, para que, dos escombros, renasça magnificamente viçosa a mensagem de Cristo para um novo mundo.

É muito mais perceptível o diálogo, a pesquisa, a análise bíblica entre católicos e protestantes de dentro desta faixa do que entre si (protestantes ou católicos) das faixas não correspondentes.

A temática que move e motiva o mundo de hoje é a da liberdade. Em nova concepção teológica os problemas do mundo é que são a base para sua reflexão. E, dentro dessa base, a mesma temática reúne aqueles que estão comprometidos com os problemas de sua época. E aí que se dá a possibilidade de trabalho conjunto de teólogos e pensadores de diversas confissões. É a força da realidade, a inegável crise da nossa época e o clamor dos oprimidos que fazem com que barreiras antigas sejam superadas e um novo dia e um novo mundo possam ser construídos em conjunto.

Os capítulos apresentados nesta obra são de escritores da nova geração de teólogos, com exceção de Moltmann, veterano, mas de incontestável influência sobre os novos. É dele que procede a Teologia da Esperança ou Teologia da Libertação que, até certo ponto, norteia este novo pensamento.

Não foi fácil a escolha do título para o livro. A Editora pensou, a princípio transportar para a capa simplesmente o título do primeiro capítulo, "**Deus morreu, viva Deus!**" ou simplesmente "**Teologia da Libertação**". Acabou por seguir a linha da obra anterior, **Ideologia e Fé**, para oferecer, agora, o título que bem expressa o sentido da obra: **Liberdade e Fé**. Isto se transformará numa série de publicações que deseja oferecer aos seus leitores, dentro dos objetivos que estão contidos no próprio nome da Editora. Essa coleção bem poderá chamar-se "**Teologia para o Tempo Presente**".

Somos gratos aos que nos incentivaram a este tipo de trabalho e muito mais aos escritores que nos permitiram reunir seus nomes e seus pensamentos nesta obra.

Assine o CEI com publicações T & P



Receba o livro «Liberdade e Fé»